



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**CURSO DE DOUTORAMENTO EM TEOLOGIA (2.º grau canónico)**  
**Especialidade: [Teologia Sistemática]**

**LUCÍLIA MARIA BATALHA GUERRA SOMBREIREIRO**

***A FIGURA DE JESUS NA POESIA DE FREI AGOSTINHO DA CRUZ***

Dissertação Final  
sob orientação de:  
**PROF. DOUTOR JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA**

**LISBOA**  
**2012**

Aos meus Filhos, Bruno e Catarina,

que sempre me acompanharam  
na minha caminhada pela  
estrada da Teologia. A eles, o  
meu grande agradecimento  
pela forma como sempre me  
apoiaram.

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”

Fernando Pessoa

## INTRODUÇÃO

Quantos espíritos iluminados são votados ao esquecimento pelas gerações vindouras, embora lhes caiba um lugar de destaque pelo seu talento, pela sua singularidade, pela grandeza do seu legado? Mas nem tudo desaparece com o passar dos séculos, pois permanecem os homens que “se vão da lei da morte libertando”<sup>1</sup>.

Frei Agostinho da Cruz deixou-nos uma obra que perdura e que nos leva a (re)visitar o eremita da Serra da Arrábida. Poeta religioso, legou-nos um corpus literário que faz dele um dos grandes vultos do nosso século XVI, constatando-se que a religião continua a ser um grande motivo de inspiração, um verdadeiro húmus para a criatividade artística. Poeta da Cruz, dele próprio diz: “Nasci e renasci na casa em dia/De Santa Cruz, da Cruz o nome tenho”<sup>2</sup>:

“Em ti, suave Cruz, inda que dura  
Por ver sangue innocente derramado,  
Pregados pés, e mãos, aberto o Lado,  
Donde minha esperança se pendura;

Em ti de piedade, e de brandura  
Doce penhor do penitente errado,  
Em ti Christo Jesus dependurado  
A salvação do mundo dependura;”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> CAMÕES, Luís Vaz de, *Os Lusíadas*, canto I,

<sup>2</sup> CRUZ, *Obras*, Epigrama, p. 335.

<sup>3</sup> *Ibidem*, pp. 6-7.

Na obra de um poeta fica tatuada a sua impressão digital. Através da obra escrita de Frei Agostinho, chegamos aos contornos da sua identidade: o fervor religioso, a via contemplativa, a solidão do eremita arrábido, a complexidade de uma experiência mística que se torna também experiência literária. Richard Palmer diz-nos isso exactamente, que a vida e a obra podem ser interpretadas; o próprio acto de existir pode ser considerado como um processo constante de interpretação. Portanto, interpretar é perscrutar os dados de uma obra e de uma vida.<sup>4</sup>

Neste nosso trabalho, propomo-nos revisitar a vida e a obra de Frei Agostinho da Cruz. No que respeita o corpus literário do autor, fixar-nos-emos mais nos Sonetos que cantam a figura de Jesus., ainda que detenhamos o nosso olhar também em Éclogas, Elegias e Odes.

No primeiro capítulo, será apresentada uma contextualização biográfica do autor arrábido e o seu percurso de conversão; no segundo, faremos um estudo do seu corpus literário, evidenciando mais os sonetos. Tentaremos assinalar as notas mais marcantes da produção poética de Frei Agostinho, questionando a sua vertente mística na linha da cristologia poética e narrativa que amplamente a informa e, na terceira e última parte, reflectiremos sobre a visão e o sentir do poeta acerca do Cristo Crucificado e da envolvência da Santíssima Trindade.

No desenrolar do nosso trabalho, adoptaremos uma metodologia que passará fundamentalmente pelo rastreio temático dos sonetos do autor, aclarando os campos semânticos com os quais eles dialogam, explícita ou cripticamente.

Frei Agostinho da Cruz, poeta do nosso século XVI, não tem sido objecto de muitos e muito elaborados estudos, talvez devido ao facto de termos tantos e tão grandes nomes da mesma época cujas obras literárias contribuíram, eventualmente, para

---

<sup>4</sup> CARVALHO, João Soares, *A Metodologia nas Humanidades. Subsídios para o Trabalho científico*, Editorial Inquérito, Mem Martins, 1994, p. 81.

“ofuscar” a produção do poeta capuchinho. Todavia, desde a publicação de *Obras*, por Mendes Remédios, o nome do poeta passou a andar nas nossas literaturas. Nesta obra, encontra-se compilada a produção poética do Frade Capuchinho, depois de uma interessante introdução feita por Remédios. Acrescente-se que estudos e investigações posteriores à sua publicação, vieram questionar a autoria de alguns textos inicialmente atribuídos à pena de Agostinho.

Já em 1618, aparecera, como próêmio, no *Tratado dos passos que se andam na Quaresma*<sup>5</sup>, o soneto “Os passos que de dores trespassados”<sup>6</sup> e o epigrama “A quem desceu do Ceo por nos dar a vida”<sup>7</sup>.

No mesmo ano, em *Motivos Espirituais*<sup>8</sup>, são publicados dois sonetos que são exclusivos desta obra muito rara, motivo pelo qual julgamos oportuno transcrevê-los:

“Aquelle que na vinha do Senhor  
Trabalha por cavar proveito alheo,  
Tanto do próprio seu fica mais cheo,  
Quanto mais do commum foi cavador.

Costuma a pagar divino amor,  
A quem buscar o quer por este meio.  
Primeiro: como a quem mais tarde veio,  
E tanto como o mais madrugador.

Aqui nesta doutrina claramente

---

<sup>5</sup> Esta obra saiu das oficinas de Pedro Caesbeck, em 1618.

<sup>6</sup> Este soneto está inserido na obra *Obras*, na página 195 intitulado “Ao mesmo”.

<sup>7</sup> In *Obras*, na página 335, com o título “Epigramma á Paixão”.

<sup>8</sup> Impresso por Pedro Caesbeck, em 1620.

Se ensina porque via, como & quando  
Offerta faz a Deos mais excellente

Todo o que dignamente comungando  
Offerece a Deos Padre omnipotente,  
Seu filho, sua glória acrescentando.”<sup>9</sup>

“Ó vós que andais de achar cá desejosos  
Modos de honrar sem fim mais a Trindade,  
O melhor se vos dá aqui com brevidade  
Nestes motivos santos amorosos.

Nelles tendes louvores copiosos  
De summo grau & grande dignidade,  
De quem trata & recebe a magestade,  
Que temem olhar no Ceo os gloriosos.

O alto sacrifício de honrar digno  
A vós proveitoso, a Deos aceito,  
Com que he toda a Trindade engrandecida.

Sagrada Hóstia, viático divino,  
Que offerecida ao Padre com effeito  
Lhe deu gloria infinita & sem medida.”<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> In introdução de *Obras* redigida por Mendes dos Remédios, p.36.

<sup>10</sup> *Ibidem*, pp. 36-37.

Em 1728, foram publicados alguns poemas de Frei Agostinho na *Chronica da Arrábida*. Também Frei Rodrigo de Deus, falecido em 1622, Guardião do Convento de Nossa Senhora da Arrábida, inseriu nas suas obras poesias do frade poeta.

## ***CAPÍTULO I***

### ***1. - FREI AGOSTINHO DA CRUZ: A VIDA COMO ITINERÁRIO DE CONVERSÃO***

“A vida faz-se vivendo”

(Anónimo)

Quando o arrábido Frei Agostinho da Cruz morreu, sobreveio uma consternação tal que o teria surpreendido a ele próprio, que escolhera caminhos da maior solidão e escondimento. Ao seu funeral acorreram multidões compactas, mas heterogéneas na sua composição: o seu exemplo tinha-se gravado no imaginário e no sentimento popular, sem deixar de ser acompanhado pelos ambientes cortesãos a que tinha pertencido.

“Extinguira-se num nimbo mais que de poesia, de santidade. Em volta dos seus restos mortais acercaram-se à compita as multidões na ânsia de o poderem ver, como se essa visão fosse uma bênção. E nobres senhores, com gente do povo, todos queriam o talismã duma relíquia desse velho, cujos despojos olhavam compungido

mas que haviam tido a dita de encerrar uma alma, que conservara com Deus.”<sup>11</sup>

A hora da sua morte abre assim a cortina para o que foi a sua vida.

## 1.1. Contextualização

### 1.1.1. As Origens e a Juventude de Agostinho Pimenta

Frei Agostinho da Cruz, que tinha como nome civil Agostinho Pimenta, nasceu a 3 de Maio de 1540, em Ponte da Barca. Falando-nos dele, Jeronymo Cardoso, seu primeiro biógrafo, refere: “Jacta-se o lugar da Ponte da Barca no arcebispado de Braga de aver dado ao mundo o P. Fr. Agostinho da Cruz.”<sup>12</sup> E o cronista Frei António da Piedade diz-nos: “nasceu na villa da Ponte da Barca, limitada povoação de poucos visinhos.”<sup>13</sup> Também Mesquita corrobora esta nota biográfica: “A villa da Ponte da Barca... foi ella onde nasceu o venerável servo de Deus.”<sup>14</sup>

Tendo em conta estes testemunhos, como seguiram alguns escritores a opinião de que Agostinho Pimenta teria nascido em Ponte de Lima?

Certamente, tal confusão ficar-se-á a dever ao facto de o seu irmão Diogo Bernardes ser dado como oriundo dessa vila. No entanto, os que afirmam ser essa a naturalidade do poeta, ter-se-ão deixado levar pelas inúmeras ocorrências textuais em que o poeta canta o seu doce *Lima*, esquecendo, contudo, outros dados autobiográficos, que se podem recolher da sua produção poética.

Foquemos a nossa atenção, por exemplo, na Écloga intitulada *Flora*, que começa como se segue:

---

<sup>11</sup>

<sup>12</sup> CARDOSO, Jeronymo, *Agiologio Lusitano*.

<sup>13</sup> PIEDADE, Fr. António da, *Chronica da Arrábida*.

<sup>14</sup> Cfr. *A Vida*, anteposta à edição feita por José Caetano de Mesquita. Esta *Vida* saiu em edição separada.

“Num solitário valle, fresco e verde  
Onde com veia doce e vagarosa  
O Vez no Lima entrando o nome perde;

Numa tarde rosada, graciosa  
Quando no mar seus raios resfriava  
O sol, deixando a terra saudosa

Ouvi huma voz triste que soava  
Tam brandamente ali, que parecia  
Hum rio que com outro murmurava

Nesta nossa ribeira ambos nascidos.”<sup>15</sup>

Concluimos, então, que, se ambos os irmãos nasceram na foz do Vez, são oriundos de Ponte da Barca,<sup>16</sup> onde passaram a sua meninice e os primeiros anos da infância.

Por volta dos 14 anos, Agostinho Pimenta foi acomodado em casa de D. Duarte, neto de D. Manuel, filho do Infante D. Duarte e de D. Isabel. Um ano mais novo que Agostinho Pimenta, o Infante tinha a sua casa independente desde o falecimento do Infante D. Luís em 1555. À casa do Infante, acudiam os fidalgos mais bem instruídos daquele tempo.<sup>17</sup> Estando inserido neste ambiente, Agostinho torna-se, naturalmente cortesão, como se tivesse crescido em palácio.

---

<sup>15</sup> CRUZ, *O Lyma*.

<sup>16</sup> A questão da naturalidade de Frei Agostinho da Cruz e do seu irmão Diogo Bernardes provocou uma enorme discussão e muito se escreveu sobre o assunto. Havia quem considerasse Ponte de Lima a sua terra mãe e quem defendesse que eram oriundos de Ponte da Barca. Hoje em dia, graças aos estudos de Álvaro Pimenta da Gama, Hemetério Arantes, Carolina Michaelis e, especialmente, Avelino de Jesus da Costa, a questão encontra-se ultrapassada em favor de Ponte da Barca.

<sup>17</sup> Cf. QUADROS, José Caetano de Mesquita, *Vida do Venerável Padre Frei Agostinho da Cruz*, Lisboa, 1793, p.4.

Entre os que frequentavam a casa do Infante, devemos citar D. Álvaro, Duque de Aveiro, senhor da quinta de Azeitão, padroeiro do convento da Arrábida e casado com D. Isabel de Bragança<sup>18</sup>. Nesse meio culto começou a sobressair Agostinho Pimenta, concorrendo para isso os seus versos de amor profano, que ele ia cantando.

À Duquesa de Aveiro, Agostinho Pimenta dedica as suas composições místicas, uma vez que as demais, tendo-se arrependido de as produzir, queima-as:

“Os versos que cantei importunado  
Da mocidade cega a quem seguia  
Queimei (como vergonha me pedia)  
Chorando por haver tão mal cantado.”<sup>19</sup>

Foi esta digna senhora, que veio a ser sua protectora, que o impediu de dar aos versos religiosos o mesmo destino que dera aos outros:

“Como já fiz de quantos tinha feito  
Na ribeira do Lima, em tenra idade,  
Por dar algum remédio a meu defeito.

Mas pois Vossa Excellencia tem vontade  
De lhos dar, eu me dou por satisfeito,  
Que tudo póde enfim pura amizade.”<sup>20</sup>

Se a Duquesa de Aveiro não tivesse tal força sobre a vontade do poeta, não teríamos tido acesso aos versos que nos restam. Mas Agostinho obedece-lhe pela

---

<sup>18</sup> Filha de D. Jaime, Duque de Bragança. Deste casamento nasceu D. Jorge, Marquês de Torres Novas.

<sup>19</sup> CRUZ, *Obras*, p.1.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 185.

amizade e pela gratidão que sente pela fidalga. À ilustre fidalga dedica algumas das suas composições poéticas, de que é exemplo o soneto que se segue:

“Quando na verde planta, ou pedra dura,  
Me mandava escrever minha tristeza,  
Nunca me pareceo, alta Princesa,  
Que podessem meus versos ter ventura

Pêra cuidar que houvesse creatura,  
A quem taes partes desse a natureza,  
Que podesse mover minha dureza  
A não lhes dar no fogo sepultura,

Como já fiz de quantos tinha feito  
Na ribeira do Lima, em tenra idade,  
Por dar algum remédio a meu defeito,

Mas pois Vossa Excellencia tem vontade  
De lhos dar, eu me dou por satisfeito,  
Que tudo pôde enfim pura amizade.”<sup>21</sup>

A mesma dedicação à Duquesa de Aveiro é evidente numa Carta que o poeta lhe escreve antes de ir para o ermo e da qual se segue um pequeno excerto:

“Desejando escrever-lhe, nunca pude,  
Taes correram os meses, taes os dias,  
Que há muitos que não tive um de saúde.

---

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 185.

Umás horas ardentes, outras frias,  
Devíeis de acabar, pois acabei  
De ver ondas do mar, plantas sombrias.”<sup>22</sup>

### 1.1.2. De Agostinho Pimenta a Frei Agostinho da Cruz

Como muitas vezes afirmava, todas as amízedes enganadoras da sua mocidade serviram-lhe, unicamente, para entreter o tempo, que só aproveitaria bem, se o ocupasse consigo e com Deus, por isso, o nosso poeta chora os desvarios dessa mocidade mal aproveitada, como se pode entender pelos sonetos que se seguem:

“Ó montes altos, valles abatidos,  
Verdes ribeiras de correntes rios,  
Ora por baixo de bosques sombrios,  
Ora por largos campos estendidos;

Onde mais claros vejo repetidos  
Meos mal considerados desvarios  
De pensamentos vãos, baixos e frios,  
Emendados tão mal, quam mal sentidos.

Passei a mocidade sem proveito,  
Antes contra meo Deos accrescentando  
Culpas a quantas culpas tenho feito;

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 319.

Cuja pena a velhice está purgando  
Pêra passar da morte o passo estreito,  
Se não se no seo sangue for nadando.”<sup>23</sup>

“Nasci junto do Lima saudoso,  
Donde nunca já mais falta verdura,  
Levou-me sem saber minha ventura,  
Que fosse, ou que não fosse venturoso.

Comecei a seguir o vicioso  
Na vida, que buscava na brandura,  
Sem ver a falsidade da pintura,  
Que certo quer juntar o duvidoso.

Mas em me encaminhar indo perdido,  
Sentindo que já não me desculpava  
A mocidade vã mal consumida,

Não vos lembrou, Senhor, ser offendido,  
E qu’inda d’offender-vos não cessava  
Pera na vida d’alma me dar vida.”<sup>24</sup>

Mas a vida ensinar-lhe-á que andava trilhando caminhos desviantes, o que o levará a questionar todo o seu itinerário e a mudar o rumo, emendando-se de erros passados, e, por isso, cantará a mudança de vida nos sonetos que se seguem:

---

<sup>23</sup> *Ibidem*, pp.227-228.

<sup>24</sup> *Ibidem*, pp. 185-186.

“Concluído me tenho a mi comigo  
De deixar o caminho, que levava,  
Vendo com razões claras quanto errava  
Em não me desviar do mais antigo.

Pois no trabalho seo, no mor perigo,  
Meo amigo consigo a mi me achava;  
E quando no meo mal algum buscava,  
Achava-me comigo sem amigo.

Agora dei a volta por caminhos  
De solitários bosques enramados  
De feras bravas, mansos passarinhos;

Que inda que entre os espinhos conversados,  
Mais quero pés descalços entre espinhos,  
Que dos homens humanos espinhados.”<sup>25</sup>

“Tempo foi que passava neste prado  
Bem fora de cuidar que poderia  
Tornar a ver me nelle inda algum dia,  
De tantos mil cuidados descuidado.

O Senhor, que me trouxe a tal estado,  
Quando castigos graves mereço  
Dando-me muito mais do que pedia,  
Para sempre já mais seja louvado!

Estas agoas correntes, estas flores,  
Estes bosques cobertos de verdura,

---

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 228.

Os passarinhos nelles escondidos,

Aqui lhe dem comigo mil louvores,

Sem fim o louve toda a creatura,

Não sintam outra cousa meus sentidos.”<sup>26</sup>

Frei Agostinho da Cruz deixou-nos belas rimas à sua Conversão, tais como as que seguidamente apresentamos e que são extraídas duma *Écloga* intitulada precisamente *Á sua conversão*:

“...Quebraran-se, meu Deos, as pedras duras;  
Mostrou o sol e lua sentimento;  
E não vossas humanas creaturas!

Eu só, meu Redemptor, vos atormento!  
Eu fiz os vossoa cravos, cruz, e lança,  
Por obra, por palavra, e pensamento...

E Vós encheis minh’alma de esperança  
Com tão claros sinais de piedade,  
Que quasi já não sei temer vingança.

(...)

A alma, que em vossas mãos presa se entrega  
Não tem de que temer, nada recêa,  
A névoa deste mundo não na cega.

Nas lágrimas de dôr, em que semêa,  
Colhe suave fruto de alegria,  
Saudoso da sua terra alhêa.”<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, pp. 12-13.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 20.

Após ter feito o seu noviciado no Convento de Santa Cruz na serra de Sintra, pertencente à província da Arrábida da congregação dos frades capuchinhos, aí viveu mais de quarenta anos, levando uma vida em consonância com a regra da Ordem sobre a qual recaíra a sua escolha, e a cujo propósito escreve o soneto “Á ordem de São Francisco”, enumerando o seu historial no que se refere a províncias, conventos, mártires, santos, beatos, papas, cardeais e bispos:

“Ochenta y seis províncias y conventos,  
Dos mil e siete cientos computados,  
Cinco em Hierusalem, siete fundados  
Entre Turcos y Tártaros sangrientos.

Mártires veinte y seis y quatrocientos,  
Y santos veinte y três canonizados;  
De quinientos que estan beatificados  
Duran eternamente los assientos.

Quatro papas, quarenta cardenales,  
Quinientas mitras, y seiscientas plumas,  
Reis veinte y cinco com stirpe honrosa.

Estos tiene por ramos inmortales  
Com diez hijos de reis y otros Numas

De Francisco la Ordem milagrosa.”<sup>28</sup>

Frei Agostinho sentia-se um homem livre do mundo, como podemos constatar em versos da Elegia VI:

“Agora que de todo despedido  
Nesta Serra da Arrábida me vejo  
De tudo, quanto mal tinha entendido;

Com mais quietação, livre desejo,  
Nella quero cavar a sepultura,  
Que não junto do Lima, nem do Tejo.

Aqui com mais suave compostura  
Menos contradição, mais clara vista  
Verei o Creador na creatura.

As forças cresceram com que resista  
A dizer-vos humanos pensamentos,  
Para que dos divinos só me vista.

Naquelles mais fermosos aposentos  
Repouso buscarei acompanhado

---

<sup>28</sup> *Ibidem*, pp. 409-410.

Doutros mais saudosos sentimentos.”<sup>29</sup>

Foi, depois, aos 65 anos, guardião do Convento de S. José de Ribamar, mas somente por alguns meses, pois em 1605, recebeu autorização do Provincial para encetar a vida eremítica na Serra da Arrábida.<sup>30</sup>

Moço de vinte anos ao entrar no ermo, bem podia dizer que nele envelhecera, sem que nunca a sua vontade sentisse o menor desfalecimento.

Frei Agostinho da Cruz escolheu, então, já no fim da vida, a forma de vida eremítica e, fiel ao seu desejo, acabou por se refugiar, nos últimos catorze anos da sua vida, isolado de toda a comunidade, numa cela – ermida, que o Duque de Aveiro mandou construir para esse efeito:

“Por isso eu, como fraco, me contento,  
Com fugir, donde vim, também mordido,  
Que não se estende a mais o meu talento.

Só na minha choupana, recolhido,  
No silencio da Serra me suspendo,  
Dos humanos agravos esquecido.”<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup>CRUZ, *Obras*, pp. 101-102.

<sup>30</sup> Os Conventos de Nossa Senhora da Arrábida e de S. José de Ribamar, em Algés, pertenciam, tal como o Convento de Santa Cruz na serra de Sintra, à província da Arrábida, criada em 1560, após alguns anos de experiências e ensaios. Os frades desta província tinham de seguir a regra franciscana numa rigorosa observância, sendo conhecidos pelos nomes de Capuchos, Arrábidos e Capuchinhos.

<sup>31</sup>CRUZ, *Obras*, p.

Terá sido vítima de afrontas vindas daqueles que viviam no Convento e que questionavam sistematicamente os que levavam uma vida eremítica. Desta situação nos fala Frei António da Piedade, quando se refere às virtudes do servo de Deus Frei Diogo dos Inocentes<sup>32</sup>:

“Sete annos viveu neste Ermo ( na cella, que foy de S. Pedro de Alcântara, junto à Ermida da Senhora da Memoria na Serra da Arrábida), sem communicação com as creaturas, porque só queria ter com o Creador por meyo da oração. Vivia neste mesmo sitio solitário o Venerável Fr. Agostinho da Cruz.”<sup>33</sup>

E Frei António da Piedade acrescenta:

“Não deixou de causar grande alteração nos que se prezavão zelosos da Reforma, o viverem estes solitários fora da Clausura, supposto que sogeitos à obediência dos Prelados; e assim clamavão nos Capítulos, que os obrigassem a largar a habitação, ou se estendesse a Cerca do Convento de sorte, que também a comprehendesse.”<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Cf. FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *A vida e conversão de Frei Agostinho: entre a aprendizagem e o ensino da Cruz*, Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1999 p.49.

<sup>33</sup> *Espelho*, p. 899.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 912.

Frei Agostinho da Cruz terá vivido numa atmosfera de dolente misticismo, da qual fora presa e vítima.<sup>35</sup> Assim, optou por uma vida de quietação e de profundo recolhimento, fugindo a todos os perigos que a vida mundana lhe apresentava e, vivendo desta forma uma total submissão ao amor divino que agora era senhor do seu coração, como podemos inferir dos excertos de dois sonetos que a seguir apresentamos:

“Dentro da minha Lapa recolhido  
Pêra chorar um mal novo presente,  
Soltando a rouca voz mais brandamente  
Disse, depois de tudo concluído:

- Se sempre são hei-de ir, e vir ferido,  
E se triste tornar, indo contente,  
Nem por amor de amigo, ou de parente,  
Sahirei fora donde estou metido.”<sup>36</sup>

...

“Dos males, que passei no povoado,  
Fugi pêra esta Serra erma e deserta,  
Vendo que quem servir seo Deos acerta,  
Certo tem tudo o mais ter acertado.”<sup>37</sup>

...

---

<sup>35</sup> . Bem estranha se afigura tal explicação para a vocação do nosso Frei, dada a sua austera perseverança na vida de frade capucho que escolheu.

<sup>36</sup> CRUZ, *Obras*, p. 225.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 225.

“Temperada a Frieza na quentura  
Do meo divino amor tão apurados,  
Que me deixam em paz na sepultura.”<sup>38</sup>

Esta “vítima inconsciente duma sedução” foi por longos anos fiel à sedução da vida religiosa que professou, como ele próprio afirma na Elegia VI, datável, com mais ou menos rigor, dos anos 1605 ou 1606:

“Agora que de todo despedido  
Nesta Serra da Arrábida me vejo  
De tudo quanto mal tinha entendido,  
  
Com mais quietação, livre desejo,  
Nela quero cavar a sepultura  
Que não junto do Lima, nem do Tejo.  
  
Aqui com mais suave compostura  
Menos contradição, mais clara vista  
Verei o Creador na creatura.”<sup>39</sup>

Em tom autobiográfico, diz-nos Frei Agostinho, na elegia XVI, ao sentir que o seu fim se aproxima:

“Na ribeira do Lima fui nascido,  
Na do Mondego e Tejo fui *criado*,

---

<sup>38</sup>CRUZ, *Obras*, p. 226.

<sup>39</sup>*Ibidem*, p. 101.

E na serra, em que vivo, envelhecido,

Onde esperando estou o desejado  
Fim dos meus longos anos mais vizinho,  
Quanto de cada vez mais alongado.

Assi vou, pouco e pouco, meu caminho,  
Não sem queixas da dura natureza,  
Em cuja companhia ainda me espinho.

Que mais custa abrandar sua dureza  
Importuna, cruel, que padecer,  
Quanto sofrer se pode de aspereza.”<sup>40</sup>

E, na mesma Elegia, canta o Senhor Jesus Crucificado, em belas rimas que aqui apresentamos:

“Que desejos d’amor continuados,  
De novo criam forças, reverdecem,  
Com sangue do Senhor na Cruz regados.

Os cravos, que nas rosas apparecem,  
Daquelles pés e mãos atravessados,  
Esforçam, dão vigor, e fortalecem.

As carnes á columna dura atadas,  
Açoutadas, pisadas e moídas,  
Nunca das minhas sejam desatadas.

Pois por querer sarar nossas feridas,  
Nellas não ficou parte por ferir,  
Nem dor de que não fossem consumidas.

---

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 289.

(...)

Não me deixe ficar amor comigo,  
Sem á columna atar meu pensamento,  
Ou na arvore da Cruz pregar comsigo.

(...)

E quando não puder chegar a quanto  
Se deve, a tal Senhor, tal amor seu,  
Comigo ficarei fazendo pranto.”<sup>41</sup>

É de forma breve e directa que o frade nos apresenta estes dados biográficos e o seu sentir sobre o Senhor Crucificado como, aliás, convém a alguém que fizera, na sua juventude, uma opção por vida humilde e contemplativa.

Passados que foram os catorze anos em que viveu eremiticamente na Serra da Arrábida, Frei Agostinho morreu com 79 anos de idade, conforme nos diz Frei António da Piedade, cronista da Serra da Arrábida:

“Chegou o tempo, que Deos tinha determinado, para lhe premiar os merecimentos da sua penitente vida, e o chamou por meyo de huma aguda febre, em cuja disputa se sentio logo a natureza sem forças para lhe poder resistir. Foy conduzido à (...) Enfermaria da Villa de Setuval (...) Defronte do leito, onde estava o Servo de Deos, ficava o Oratório, e nelle a Imagem de Christo Crucificado; e assim encostada a cabeça no traveceiro, despedido já de todos, fixou os olhos na Sagrada Imagem, e bem mostrava não apartar tambem della o

---

<sup>41</sup> *Ibidem*, pp. 290-291.

coração pelos suspiros, que se lhe ouvião (...) Foy seu ditoso transito na noite de 14 de Março do anno de 1619 (...) Tinha setenta e nove annos de idade, e cincoenta e nove de Habito, dos quaes quatorze empregou Eremita na Serra da Arrábida.”<sup>42</sup>

Os prenúncios da morte tivera-os em princípios de Março do mesmo ano. Julgamos oportuno transcrever um soneto que o nosso Frade dedicou à morte:

“Os correos da morte são chegados  
Por caminhos antigos, impedidos,  
Mal com meos olhos, mal com meos ouvidos,  
Mal com meos pés, do chão mal levantados.

E mal, por não chorar bem meos peccados,  
Que sendo sete, e cinco meos sentidos,  
Por serem tantas vezes repetidos,  
Impossível será serem contados.

Se não viera a morte acompanhada  
De conta, que dar devo tão estreita,  
Não fora tão penosa imaginada.

Mas a que vivo e morto tenho feita,  
Tenho com meo Senhor na cruz pregada,

---

<sup>42</sup> *Espelho*, pp. 930-933.

Onde o ladrão contrito não se engeita.”<sup>43</sup>

A doença anunciara-se de tal modo que fora imediatamente conduzido para Setúbal, onde a Ordem tinha o seu hospital. Foi fácil o diagnóstico e rápida a sua confirmação. Em volta do seu leito juntaram-se os amigos, não lhe faltando os maiores – o Duque D. Jorge de Aveiro, que então residia com sua mulher e o seu pai nos Paços de Azeitão.

O corpo de Frei Agostinho ficou inumado junto à Igreja da Arrábida, fora das grades, ao lado da Sacristia. Durante anos a fio, foi este um lugar piedoso, onde acorriam muitos desejosos de lhe prestarem homenagem. Não lhe haviam lavrado qualquer epitáfio a encimar a sua humilde cova, todavia, bem o conheciam todos, porque a fama das virtudes supria essa vanglória fácil e tantas vezes mentirosa.<sup>44</sup>

Mas, com o passar dos tempos, todos os vestígios da passagem de Frei Agostinho entre nós foram-se tornando bem mais ténues.

### **1.1.3. A Caminhada da Conversão**

Em 3 de Maio de 1560, com vinte anos, Agostinho Pimenta iniciou o seu noviciado no convento de Santa Cruz de Sintra, com o beneplácito do Infante, a quem servia, e sob as ordens do Provincial Frei Jácome Peregrino, o Tio. Com 21 anos, faz a sua profissão expressa e formal, entrando na rigorosa Ordem dos Capuchinhos, depois de ter dado provas da sua mais sincera e decidida vocação. Estava-se a 3 de Maio de

---

<sup>43</sup> CRUZ, *Obras*, pp. 229-230.

<sup>44</sup> Cf. QUADROS, *Frei Agostinho*, p.6.

1561, também dia de Vera - Cruz, e podemos dizer que morria para o mundo, deixando desde então o seu apelido de família, para o mudar para o de religião por que ficou conhecido – de Frei Agostinho da Cruz. A este propósito, diz-nos ele que nasceu e renasceu no dia de Santa Cruz:

“Nasci e renasci na casa em dia  
De Santa-Cruz, da Cruz o nome tenho.  
Tenho quem nella foi morto por guia,  
Nas entranhas abertas me sustenho,  
Que não póde cerrar quem as abria:  
E quando neste passo me detenho  
Gemendo e suspirando, não duvido,  
Que me sare quem foi por mim ferido.”<sup>45</sup>

O poeta esquece as vivências mundanas, os seus prazeres e as suas relações. Mas o que o terá determinado a abandonar o distinto meio no qual se movia, substituindo-o pelo isolamento de uma congregação marcada pela pobreza, pelo isolamento e pelo rigor?

Entregue à oração e à meditação, a sua lira só tem acentos para chorar os erros da vida passada, para exaltar a sua emenda:

“Se nestes não ficar tão desculpado  
Quanto o mais alto estilo requeria,  
Não me podem negar a melhoria  
Da mudança que fiz de um no outro estado.

Que vai que sejam bem, ou mal aceites?  
Pois os não escrevi para louvores

---

<sup>45</sup> CRUZ, *Obras*, p. 335.

Humanos, pelo menos perigosos,

Senão para plantar em frios peitos

Desejos de colher divinas flores

À força de suspiros saudosos.”<sup>46</sup>

e a sua inalterável confiança em Deus:

“Se vós quereis, Senhor, a quem vos quer,

Com vos querer alcanço o bem querido,

Mas porque melhor fique do partido,

Fique nas vossas mãos o bem querer.

Assi que nem falar, ouvir, nem vêr,

Nem desejar me seja permittido

Mais daquillo, que mais fordes servido,

Seja quanto penoso poder ser.

Que não receio dor, pena, ou tormento,

Buscando quanto em vós achar pretendo

Por obra, por palavra, ou pensamento.

Donde vem que de vós, Senhor, aprendo,

Que entre ambos não sofreis apartamento,

Pois só com vos querer me estaes querendo.”<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>47</sup> *Ibidem*, pp. 209-210.

Agostinho Pimenta não poderia converter-se, no sentido comum do termo, uma vez que fora educado na doutrina dos seus antepassados, tendo a sua crença sido robustecida progressivamente.

Aliás, no espírito dos nossos poetas de Quinhentos, a Fé andava muito intimamente associada ao brio patriótico, como podemos constatar em inúmeros excertos do corpus literário de vários autores daquele período literário:

- Gil Vicente oferece-nos o *Auto da Alma* e dá-nos no de *Mofina Mendes* uma paráfrase excelente da *Ave-Maria*:

“Oh! Deus te salve, Maria,  
Cheia de graça, graciosa,  
Dos pecadores abrigo”

- Sá de Miranda, que, por vezes surge um pouco obscuro e contraditório nas cartas, sente-se arrebatado na *Canção a Nossa Senhora*:

“Virgem fermosa, que achaste a graça  
Perdida antes por Eva, onde não chega  
O fraco entendimento, chegue a fé.

Coitada desta nossa vista cega  
Que anda apalpando pela névoa baça  
E busca o que, ante si tendo, não vê.”

- António Ferreira, que escreveu o poema *Santa Comba*, sente-se sucumbido perante a morte da mulher e deseja ardentemente ver a alma liberta:

“Quem te detém nesta prisão dura?  
Não viste a clara luz, a santa guia  
Que te lá chama à verdadeira via?”

- Pedro de Andrade Caminha, embora pouco inspirado, revela-se, ao conceber o soneto *À Virgem Santíssima Nossa Senhora*:

“Virgem e Mãe de Deus, quem tanto atina  
Que saiba em Vós falar? Quem mais levanta  
A Vós o entendimento, mais se espanta,  
E perde a luz em vossa luz divina.”

Diogo Bernardes, que escreveu a *Santa Úrsula* e as *Várias Rimas ao Bom Jesus*, mostra-se bem irmão de Frei Agostinho no soneto *Torres Fundadas no Vento*:

“ Oh cegueira tamanha! Oh desventura!

Por um pequeno bem que desfalece  
Aventurar um bem que sempre dura!”

Muito se tem escrito sobre os motivos da conversão de Frei Agostinho. Desde o século XVIII, que biógrafos do autor discorrem sobre o assunto. Uns associando-a a algum desgosto amoroso, outros a alguma grande traição de um amigo ou de amigos, outros ainda a alguma grande difamação de que teria sido alvo. O certo é que se espera, ainda, por alguma contribuição que traga uma luz certa ao assunto.

Nenhum estudioso da vida do poeta desvendou por completo o importante passo dado por Agostinho Pimenta, quando contava só vinte primaveras. Diz-nos Mesquita

“Com todas distinções e commum applauso prometia o mundo a Agostinho Pimenta os maiores adiantamentos, e fortunas; mas Deus que o reservava para outro destino mais alto, lhe fazia entre ellas experimentar dissabores, e amarguras, que melhor excitão o animo para conhecer o caduco, e enganoso dos bens com que o mesmo mundo lisongea. Observava elle, que todas aquellas amizades unicamente lhe servião para entreter o tempo que só aproveitaria bem, se o occupasse comsigo, e com Deos. Da parte dos que lhe invejavão a sua fortuna encontrou emulação: em algumas pretençoens teve o successo menos feliz: os amigos a quem se prendia muito estreitamente pela ternura, e bondade de seu coração, lhe não correspondião como elle merecia: tudo isto lhe trazia muitas vezes à lembrança, que o voltasse de todo para quem lho aceitasse seguramente, e lhe pagasse com muita vantagem.

De todos os seus escritos se entende facilmente quanto temos observado sobre os motivos da sua conversão.”<sup>48</sup>

Atendendo ao que nos diz o biógrafo, continuamos sem poder concluir qual o verdadeiro motivo que terá estado na origem da decisão tomada por Agostinho Pimenta, uma vez que estamos perante vagas alusões, onde nada de exacto e novo nos é referido. Com efeito, pela leitura de alguns dos seus poemas, podemos fazer as mesmas inferências.

Por tudo o que investigámos sobre o assunto, poderíamos pensar que o arrábido teria sido vítima de alguma grande difamação vinda de alguém que ele considerava importante na sua vida, ou de alguma traição de um ou de vários amigos. Também poderíamos pensar na possibilidade de uma decepção amorosa, contudo, elaborar conjecturas torna-se insuficiente, se não formos capazes de as documentar. E a verdade é que não dispomos de fontes documentais que o provem. Os seus biógrafos encaminham as suas investigações para outras direcções.

Mas desilusões e desenganos quem os não tem na vida? Assim, podemos, certamente, conjecturar que, ainda que aqueles possam ter acontecido na vida de Agostinho Pimenta, é forçoso acentuar a sua disposição própria para *as coisas do alto*, para o misticismo, bem como a grande influência que exercia sobre ele a pessoa de Frei Jácome Peregrino, o Tio<sup>49</sup>, que frequentemente visitava a Infanta Dona Isabel.

Aliás, “a convivência com os Duques de Aveiro, e o contacto com os frades Arrábidos, de cujo convento os Duques eram padroeiros, aparentemente iniciados na Casa da fundadora do convento de Santa Catarina de Ribamar, tiveram, certamente,

---

<sup>48</sup>QUADROS, José Caetano de Mesquita, *Vida do Venerável Padre Frei Agostinho da Cruz*, p.3.

<sup>49</sup>Frei Jácome Peregrino era assim designado para o distinguir de outro com o mesmo nome, e que era seu sobrinho.

conforme sugerem os seus biógrafos, um papel importante na opção tomada por Agostinho Pimenta de vestir o hábito dos frades arrábidos, em 1560<sup>50</sup>, com vinte anos de idade, respondendo dessa forma, na opinião de José Caetano de Mesquita e Quadros, ao apreço que tinha pelo frade Arrábido Frei Jacome Peregrino, o Tio<sup>51</sup>, e ao facto de ter tido nalgumas pretensões<sup>52</sup>:

“o sucesso menos feliz: os amigos a quem se prendia muito estreitamente pela ternura, e bondade de seu coração, lhe não correspondião como elle lhes merecia: tudo isto lhe trazia muitas vezes á lembrança, que o voltasse de todo para quem lho aceitasse seguramente, e lhe pagasse com muita vantagem. De todos os seus escritos se entende facilmente, quanto temos observado sobre os motivos da sua conversão.”<sup>53</sup>

Continuam, portanto, por desvendar com exactidão os profundos motivos que estarão na origem da sua decisão de deixar o mundo e procurar refúgio na vida religiosa, na imensa solidão e contemplação da serra e do oceano. Avolumam-se, todavia, as interpretações biografistas da sua produção literária, opção metodológica que consideramos discutível e, eventualmente, falível, tendo em conta todos os equívocos que pode gerar.

---

<sup>50</sup> Nesse mesmo ano foi instituída a Província da Arrábida pelo Breve *Sicut aliquando exposuit*, de 10 de Maio, no primeiro ano do pontificado de Pio IV, e executado a 22 de Dezembro. Cf. PIEDADE – *Espelho*, pp. 257-261.

<sup>51</sup> José Caetano de Mesquita e Quadros na sua *Vida do venerável padre Fr. Agostinho da Cruz*, escreve que “Vinhão elles (os Arrábidos) com muita continuação a casa da senhora Infanta (Dona Isabel), com muita continuação, e mais que todos o veneravel Fr. Jacome Peregrino, o Tio”.

<sup>52</sup> FARIA *A vida*, pp. 41-42.

<sup>53</sup> *Idem*, nota 87.

José Quadros afirma que a sua conversão se deveu ao grande apreço que Agostinho sentia por Frei Jacome Peregrino, o Tio, e ainda à ingratidão dos que ele tinha como amigos verdadeiros.

E Hemetério Arantes vai mais longe, ao afirmar que Agostinho terá abandonado a vivência mundana devido a um amor infeliz e às guerras que lhe moveram por esse motivo.<sup>54</sup>

Já Augusto Pires de Lima e Manuel Gamito fazem recair nas injustiças a origem da sua decisão de deixar o mundo. Gamito diz-nos mesmo que essas injustiças é que produziram “no espírito de Agostinho a crise que o determinou a deixar a vida do século e a refugiar-se na paz claustral, fugindo do mundo e dos homens, em busca da verdadeira liberdade, (...) O poeta deve ter sido difamado, vencido, perseguido, desprezado, abatido injustamente.”<sup>55</sup>

Augusto Pires de Lima<sup>56</sup> refere que as injustiças vinham de alguns parentes e já ocorriam antes da partida de Agostinho Pimenta para Lisboa, o que se pode depreender por estas palavras da Elegia V:

“Primeiro me queixei junto do Lima;  
Agora muito mais junto do Tejo.  
Pouco me aproveitou mudar o clima.

(...)

Cruel me foi a minha própria terra  
Em que nasci; cruel e desumano  
O sangue meu, que nela e fez guerras.”<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> Cf. ARANTES, Hemetério, *Frei Agostinho da Cruz: Notas à margem d'uma História Quinhentista*, Lisboa: Guimarães & C.ª, 1909, p.34

<sup>55</sup> GAMITO, Manuel, O segredo de Frei Agostinho, in *A Indústria*, 1940, p.1.

<sup>56</sup> *Poesias Selectas de Frei Agostinho*.

<sup>57</sup> CRUZ, *Obras*, p. 100.

Mesmo depois de velho e doente, Frei Agostinho ainda nos fala dos amigos e parentes interesseiros na Elegia da Arrábida:

“De todo em todo tão desapegado,  
Que não me lembre viva criatura  
Nem queira de nenhuma ser lembrado.”<sup>58</sup>

E entre as criaturas que terão sido ingratas para si, Frei Agostinho destaca uma:

“Tanto na paixão sua se cegava  
O que mais trabalhou por me lançar  
Que não vio que de muro me cercava.”<sup>59</sup>

Se dermos uma atenção especial à pergunta feita por Míncio (Diogo Bernardes) na *Écloga IV*, poderemos, eventualmente, concluir que se tratava de uma pessoa deveras importante e poderosa:

“Mas comtudo não deixo duvidar  
Que nunca da ribeira te partiste  
Sem algum bicho grande te ladrar.

Conta-me, Limabeu,: de que fugiste?  
Quem aos olhos te tem atravessado,  
Que bem se vê nos teus quanto sentiste?”<sup>60</sup>

E Limabeu ( Frei Agostinho) responde a Míncio:

---

<sup>58</sup> CRUZ, *Obras*, p. 294.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 293.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 35.

“Que queres que te conte um magoado  
Da seta, que atirou aquele braço,  
Do qual ele devera ser guardado?

(...)

O que sinto daqui principalmente  
É ver que me faltou água num rio  
Tão claro (ao parecer) alto e corrente.

(...)

Cabras suas guardei, não me arrependo,  
Assaz vingado estou, porque bem sei,  
Quanto com me perder ficou perdendo.

Aquele de quem mais me confiei,  
Aquele por quem mais me desvelava,  
A coima, que não fiz, fez que paguei.

Bem mal me pareceu, mal suspeitava,  
Que pudesse caber em peito humano  
Cousa que nem por sonhos me lembrava.”<sup>61</sup>

Pires de Lima defende: “tratando-se de uma pessoa altamente colocada por quem se desvelara Agostinho Pimenta, sou levado a crer que se trata do seu amo.”<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> *Ibidem*, pp. 35-36.

<sup>62</sup> “Estando ainda muito nos primeiros anos, seu pai o acomodou em casa do senhor D. Duarte, filho do infante D. Duarte, neto d’ El – Rei D. Manuel. Como aquele Príncipe tinha herdado de seu pai singular gosto das belas letras, e rara estimação dos bons engenhos, facilmente admitiu ao seu serviço um moço que já naqueles anos dava claros sinais do que foi depois. Eram quase da mesma idade; tinham propensão aos mesmos estudos; e talvez até o entrever o mesmo Príncipe em Agostinho Pimenta um ânimo próprio à

E o mesmo autor acrescenta: “O mal veio donde não podia esperar-se, e o golpe feriu tão fundo que, não obstante a intimidade passada, D. Duarte não aparece na obra do poeta como uma exceção entre os homens piores do que feras deste mundo ingrato.”<sup>63</sup>

O que facilmente se pode depreender é que se mantinham a admiração e a simpatia pelo Duque de Aveiro, que frequentava a casa do Infante, porque ele foi sempre amigo nas desgraças e nas adversidades, e um verdadeiro amigo só se reconhece nas vicissitudes da vida.

O que poderemos, eventualmente, afirmar é que Agostinho Pimenta foi vítima de uma grande *doença de alma*, que lhe provocou um abalo tão grande que o obrigou a abandonar o mundo para sempre.

Todavia, é forçoso afirmar que, apesar de algo menos positivo que lhe tenha acontecido, a verdade é que Agostinho Pimenta sempre sentiu uma afeição, uma grande tendência para a vida religiosa, o que se pode concluir da própria confissão do poeta, na *Écloga VII*:

“Confesso que fui sempre afeiçoado  
A solitários bosques do deserto,  
Que ensinam a viver desenganado.”<sup>64</sup>

Sendo certo que Agostinho Pimenta não se sentiria um homem predestinado, a verdade é que Deus, que vê o interior de todo o ser humano, derramou sobre o nosso poeta a Sua graça:

---

piedade e devoção, fazia que o distinguisse muito entre todos os seus criados.” (Mesquita e Quadros, *Vida do venerável padre Frei Agostinho da Cruz*, citado por Augusto Pires de Lima, *Poesias Selectas de Frei Agostinho da Cruz*, pp. 22-23.)

<sup>63</sup> LIMA, Augusto C. Pires de, *Poesias Selectas de Frei Agostinho da Cruz*.

<sup>64</sup> CRUZ, *Obras*, p.55.

“Tempo foi que pastava verde prado  
Bem fora de cuidar que poderia  
Tornar a ver-me nele inda algum dia,  
De tantos mil cuidados descuidado.

O Senhor que me trouxe a este estado,  
Quando castigos graves merecia,  
Dando-me muito mais do que pedia,  
Para sempre já mais seja louvado!”<sup>65</sup>

E Frei Agostinho acolhe a graça que o Senhor sobre ele derramara:

“Estas águas correntes, estas flores,  
Estes bosques cobertos de verdura,  
Os passarinhos neles escondidos,

Aqui Lhe dem comigo mil louvores,  
Sem fim o louve toda a criatura,  
Não sintam outra cousa meus sentidos.”<sup>66</sup>

Como o poeta confessa no soneto *À mudança de vida*, era merecedor de *graves castigos*, contudo, ele merecia, igualmente, boas recompensas pelas suas vivências e, desde muito cedo, Agostinho cantava já louvores a Nossa Senhora, como se comprova pelas rimas do Soneto V das suas *Obras*:

“Aqui, Senhora minha, onde soía  
“Cantar na minha leve mocidade  
O muito que de vossa saudade  
Desejei de acender nesta alma fria.

---

<sup>65</sup> *Ibidem*, pp. 12-13.

<sup>66</sup> *Idem*.

Aqui torno outra vez, Virgem Maria,  
Desenganado já, mais de verdade,  
Pois me mostrou do mundo a falsidade,  
Que a lágrimas comprei, quem me vendia.”<sup>67</sup>

Este soneto é dedicado a Nossa Senhora da Serra da Arrábida. À Serra da Arrábida, o nosso poeta ia muitas vezes em romagem, mas agora demonstra-nos uma devoção mais forte e mais verdadeira. No entanto, Agostinho lamenta que, para que nele ocorresse uma mudança, fosse necessário ter tido tantos conselhos dos desenganos que viveu, e implora protecção à Virgem Mãe:

“Ó Virgem, Mãe de Deus, Senhora minha,  
A quem me socorri, por quem chamava,  
A quem servir minha alma desejava  
Nesta serra do Céu, Vossa Vizinha,  
  
Tornar-me à saudade que me vinha  
Quando mais docemente contemplava  
Como favor Vosso caminhava  
Daqui donde mais livre se caminha.”<sup>68</sup>

Na produção poética de Frei Agostinho da Cruz, há claras referências à sua vida e à sua vocação. Assim, na *Écloga II*, o pastor Flávio oferece-nos uma descrição de Agostinho Pimenta, disfarçado de *Limabeu*, no ano em que fez o seu noviciado em Sintra:

“Verdades de que servem declaradas

---

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 15.

A quem mágoas presentes entristecem,  
Na lembrança de tantas mal lembradas?

(...)

Mas, pois nós não podemos curar quantos  
Erros o mundo tem, será melhor  
Deixarmos tudo a Deus, ou aos seus Santos.

(...)

Nunca se imaginou tal aspereza,  
Não digo dos penedos do deserto,  
Mas da fome, do frio e da pobreza.

Dos pés até à cabeça anda coberto  
De laã de alheas cabras, remendado  
De mil cores, sem ordem, sem concerto.

Traz uma corda grossa, a que anda atado  
Pelo meio, descalço, mas sem mais nada;  
Sem bolsa, sem surrão e sem cajado.

Barba e cabeça traz rapada;  
Qualquer coisa que quebra, fende, ou fura,  
No seu pescoço a leva pendurada.

Os pés, se por compasso pôr não cura,  
Quer gretados do frio, quer doentes,  
Também neles lhe põem uma atadura.”<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> *Ibidem*, pp. 23-25.

E o pastor Míncio responde:

“Basta, não digas mais: esse caminho  
Bem sei donde vai, e donde pára:  
O bom de Limabeu é Capuchinho.

Ah! Limabeu, Limabeu! Quem cuidara  
Que do meio de tantas vaidades  
O Senhor para Si só te chamara!”<sup>70</sup>

A resposta de Míncio encaminha-nos para a tese que sustém que o chamamento de Deus foi muito forte para quem se sentia como se vivesse num degredo e desterrado da sua própria terra, ou seja, desterrado em terra alheia e desiludido com *as vivências terrenas*.

Não nos parece nada forçado intuir dos versos transcritos que entre Míncio e Limabeu existia um profundo sentimento de amizade, todavia, Limabeu, chamado por Deus, deixou-se arrastar pelo Amor que vem *do Alto*, tendo sentido um arrebatamento por esse novo amor – o Amor divino. Deixou que o amor pelo amigo, o amor terreno, fosse substituído pelo Amor pela verdade eterna, isto é, por Jesus Cristo.

Vemos que, quando define o amor nos seus poemas, quem clama é o homem interior, dominado por um sentimento do alto, que só o eleva e engrandece:

“Amor acende, inflama, amor tem tudo  
Seta, lança, escudo; dá vida e mata  
Cativa, desbarata, solta e prende.”<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> *Ibidem*, pp. 25-26.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 28.

O seu pensamento vai para o divino Jesus e caminha direito ao Crucificado, em cuja contemplação se absorve:

“Meu Deos, nessa columna estaes atado  
Pera do nó da culpa desatar-me;  
Pera de vossa gloria coroar-me,  
Vos vejo estar de espinhos coroadado.

Na cruz entre ladrões crucificado  
Sofreis ser deshonorado por honrar-me;  
Por da terra convosco levantar-me,  
Estaes de duros cravos trespassado.

A cruel lança do divino peito  
Fez porta para a bemaventurança,  
Pêra que o amor se dê por satisfeito.

Elle faça nesta alma tal mudança,  
Que sinta em si com amoroso effeito  
Columna, espinhos, cruz, cravos e lança.”<sup>72</sup>

O grande Amor que Frei Agostinho nutre pelo Crucificado reflecte-se na sua adoração da Santa Cruz (assunto que desenvolveremos mais à frente), a qual ele tanto canta nos seus sonetos:

“Amor trouxe a Jesus da gloria á cruz,  
Amor nos leva a nós da cruz á gloria,  
Amor nos descobrio gloria na cruz,

---

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 191.

Amor nos deo na cruz posse da gloria.

Amor me dê a gloria pela cruz,  
Amor de cruz ensina amor de gloria,  
Amor, que gloria quer, funda-se em cruz,  
Amor fundado em cruz, pára na gloria.

Amor é peso igual de gloria e cruz,  
Amor nuve é de cruz, e sol de gloria,  
Amor porto é de gloria em mar de cruz.

Amor ama na cruz, goza de gloria,  
Amor une ceo, terra ,gloria e cruz,  
Amor, donde há mór cruz, tira mór gloria.”<sup>73</sup>

Na nossa modesta opinião, reside neste Amor a Jesus Crucificado, neste Amor à Santa Cruz a verdadeira razão que levou Agostinho Pimenta a abandonar-se às *coisas do alto* em detrimento das *coisas do mundo*.<sup>74</sup> E, em muitas das suas rimas, encontramos reflectido um voto ardente pelo amor divino, tal é o caso do soneto que se segue:

“Quem me dera por língua um raio ardente,  
Que os corações abrira e abrazára,  
E os derreteria, unira e transformara,  
No amor, que arde e inflama suavemente.

Amor, que tudo quer, nada consente,  
Amor, se não vê, sendo luz clara,  
Amor, que do ceo vem, e no ceo pára,  
Amor, que quem o sente, não se sente.

---

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 198.

<sup>74</sup> O sublinhado é nosso e deve-se ao facto de ser com estas duas realidades que o Poeta se debate.

Amor que n'alma imprime um ser divino,  
Que alumiado abre, abrindo acende,  
Derrete unindo, e une transformando.

Amor, que cá na terra é peregrino,  
Amor, que attrahe o spirito e o suspende,  
Amor, enfim, que só se aquire amando.”<sup>75</sup>

Sobre a sua mudança de vida, cantou Frei Agostinho:

“Tempo foi que pastava neste prado  
Bem fora de cuidar que poderia  
Tornar a ver me nelle inda algum dia,  
De tantos mil cuidados descuidado.

O Senhor, que me trouxe a tal estado,  
Quando castigos graves merecia,  
Dando-me muito mais do que pedia,  
Para sempre já mais seja louvado!

Estas agoas correntes, estas flores,  
Estes bosques cobertos de verdura,  
Os passarinhos nelles escondidos,

Aqui lhe dem comigo mil louvores,  
Sem fim o louve toda a creatura,  
Não sintam outra cousa meus sentidos.”<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> CRUZ, *Obras*, p. 213.

<sup>76</sup> *Ibidem*, pp. 12-13.

A propósito desta mudança de vida, estaria, todavia, o seu irmão Diogo Bernardes na origem de algum desentendimento? Se é verdade que, até aqui, não temos quaisquer certezas sobre este facto, não é menos verdade que aquele só mostra desagrado, porque Agostinho Pimenta não lhe confessou a sua ideia de se *apartar do mundo*:<sup>77</sup>

“De mim (sendo como tu) fizeste estranho:  
Temeste que esfriasse o *novo fogo*  
Em que se converteu *outro*, em que ardeste,  
De que também soubeste fazer jogo.”<sup>78</sup>

Temeria Agostinho Pimenta que seu irmão Diogo Bernardes tentasse demovê-lo da ideia de tomar o hábito e vir a professar, devido ao grande amor fraterno que os unia?

Mas Diogo Bernardes não se queixava pelo facto de o irmão querido ter entrado na vida religiosa; pelo contrário, louvava-o por isso e pedia-lhe que não desanimasse na caminhada então encetada. Contudo, lamentava-se e sentia-se magoado por ele ter mantido em segredo a sua intenção.<sup>79</sup>

A uma carta de Diogo Bernardes escrita quando Frei Agostinho tomou o hábito, responde o nosso frade com outra da qual se pode inferir que o amor de Agostinho por este seu irmão não diminuiu em razão do que ele lhe dissera e pelo facto de ter deixado o mundo; pelo contrário, se possível, teria um sentimento ainda mais forte, porque a lei de Deus não livra os professos dos deveres impostos pela razão – o respeito pela verdadeira amizade. Vejamos o que o nosso frei afirma:

---

<sup>77</sup> Diogo Bernardes, numa carta que escreveu ao irmão, deixa transparecer a sua mágoa pelo facto de ele, imerecidamente, lhe esconder a sua decisão de abandonar o mundo.

<sup>78</sup> Carta a Frei Agostinho da Cruz, quando tomou o hábito.

<sup>79</sup> Cf. LIMA, Augusto C. Pires de, *Poesias Selectas de Frei Agostinho da Cruz*, Editorial Domingos Barreira, Porto, s.d., nota p.143.

“Se tanto penetrou toda a dureza  
O som do teu suave e doce canto,  
Que fará numa branda natureza?

Culpas o meu amor, e dizes quanto  
Me tinhas. Muito foi; não sei se diga  
Que tenho agora mais sempre outro tanto.

A lei do Redentor não dê,  
A quem professou, ser obrigado  
Daquilo que a razão humana obriga.

(...)

Não sinto que passasse mor perigo,  
Para carecer desta liberdade,  
Que desejar viver só lá contigo.

Tamanha força tinha a saudade  
De leve mininice bem gastada  
Após da tua grave mocidade.

Então só foi de mim mais estimada,  
Sobre todas as mais, esta esperança,  
Quanto de altos espíritos cobiçada.”<sup>80</sup>

---

<sup>80</sup>*Ibidem*, pp. 128-129.

Podemos supor que o que mais reteve Frei Agostinho na sua caminhada de conversão terá sido o grande amor que sentia pelo seu irmão mais velho, pois, junto de Diogo Bernardes o nosso frade vivera uma boa meninice. Diogo Bernardes servia-lhe de mentor. Todavia, o facto de poder afastar-se da companhia do irmão mostra-nos como era tão forte a atracção que a vida religiosa exercia sobre ele.

Facilmente concluímos da grande estima que Frei Agostinho da Cruz continua a nutrir por Diogo Bernardes, o que ressalta neste soneto que lhe dedica:

“Do Lyma, donde vim já despedido,  
Cavar cá nesta Serra a sepultura,  
Não sinto que louvar possa brandura,  
Sem me sentir turbar do meu sentido.

A laã de que me vem andar vestido,  
Torcendo em varias partes a costura,  
Os pés que nus se dam á pedra dura,  
Nen me deixam ouvir, nem ser ouvido.

O povo cujo applauso recebeste,  
Vendo teu brando Lyma dedicado  
A Príncipe Real, claro, excelente,

Louvará muito mais quanto escreveste.  
De mim, meu caro irmão, menos louvado,  
Louva comigo a Deos eternamente.”<sup>81</sup>

Pela leitura deste soneto, não nos parece forçado afirmar que, na decisão de Agostinho, não interferiu qualquer atitude de Diogo Bernardes. Assim, somos levados a não aceitar as leituras feitas por alguns estudiosos que levantaram essa hipótese sobre o assunto.

E o amor pelo seu irmão mais velho e a força dos laços que os uniam sobressaem numa elegia que o Frei dedica à morte de Diogo Bernardes:

---

<sup>81</sup> CRUZ, *Obras*, p. 18.

“Lembra-me a tenra idade que passava,  
Logrando-me daquela companhia,  
A quem tanta brandura acompanhava.

Lembra-me quantas vezes sucedia,  
Das plantas e das fontes convidados,  
Aceitar sombras frescas, água fria.

(...)

Eras além de irmão mais meu amigo,  
Por me veres do mundo despedido,  
Cujos males chorar vinhas comigo.”<sup>82</sup>

Sobre a sua conversão, escreveu Frei Agostinho na *Écloga I*:

“ Lançou-se Limabeu<sup>83</sup> antre uns penedos  
Donde viu correr um claro rio,  
Acostumado a ouvir os seus segredos.

(...)

Se escutar sempre quem me diz que aguarde,  
Nunca já buscarei a Quem me espera;  
E pior me será nunca que tarde.

(...)

Eu só, meu Redentor, vos atormento!  
Eu fiz os vossos cravos, cruz, e lança,

---

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>83</sup> A nota é nossa. Limabeu é o criptónimo de Frei Agostinho; é o seu alter-ego.

Por obra, por palavra, e pensamento...

E Vós encheis minha alma de esperança  
Com tão claros sinais de piedade,  
Que quase já não sei temer vingança.

Longe está de sentir suavidade  
Divina, cá na terra, quem não nega  
Pela Vossa, Deus meu, sua vontade.

A alma que em Vossas mãos presa se entrega  
Não tem de que temer, nada receia,  
A névoa deste mundo não na cega.”<sup>84</sup>

Continuamos, assim, sem podermos apontar com certezas absolutas outros motivos de conversão de Frei Agostinho que não tenham a ver com a sua vocação às *coisas do alto*, o seu desejo interior de se dedicar somente ao Amor do Senhor Crucificado.

Uma outra questão tem de ser referida a propósito das confissões de Frei Agostinho: Maria Eugénia Ferreira<sup>85</sup> assegura-nos que a maior parte das lamentações de perseguições, traições, desamparos, ingratidões e difamações que surgem na produção poética do autor se refere não aos motivos da sua conversão, mas antes a aspectos internos vividos muito depois de se ter convertido e de ter entrado na Ordem dos Frades Arrábidos. Muito certamente, tratar-se-ia de dificuldades levantadas por aqueles que viviam no convento e que, zelosos da reforma, questionavam a vida eremítica, ou seja, a vida vivida fora do convento, que alguns frades punham em prática, entre eles Frei

---

<sup>84</sup> LIMA, *Poesias*, Écloga I, p. 53.

<sup>85</sup> Cf. FERREIRA, Maria Eugénia Pedro de Jesus, *O sentimento religioso em Frei Agostinho da Cruz*, dissertação para licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano lectivo de 1956/57, Coimbra, 1957.

Agostinho da Cruz que, em 1605, no dia de S. José, já com 45 anos de religioso e no mesmo ano em que aceitara ser Guardião de S. José de Ribamar, conseguiu, finalmente, a tão desejada licença para iniciar vida eremítica, na serra da Arrábida:

“Ao outro dia, despedindo-se do Provincial, e dos Religiosos, que naquelle Convento havião sido seus súbditos, a todos deixou saudosos; porèm elle muito alegre, não quis prolongar mais o tempo à saudade, que tinha da eremítica habitação, para onde caminhava.”<sup>86</sup>

Sobre as questiúnculas havidas entre os religiosos que moravam no convento e os que tinham preferido a vida eremítica, fala-nos o cronista Frei António da Piedade, quando se refere às virtudes de Frei Diogo dos Inocentes:

“Sete annos viveo neste Ermo (na cella, que foy de S. Pedro de Alcântara, junto à Ermida da Senhora da Memoria na Serra da Arrábida), sem communicação com as creaturas, porque só a queria ter com o Creador por meyo da oração. Vivia neste mesmo sitio também solitário o Venerável Fr. Agostinho da Cruz.”<sup>87</sup>

E acrescenta:

“Não deixou de causar grande alteração nos que prezavão zelosos da Reforma, o viverem estes solitários fora da Clausura, supposto que

---

<sup>86</sup> PIEDADE, António da, *Espelho de penitentes e chronica da província de Santa Maria da Arrábida*, Lisboa.

<sup>87</sup> *Ibidem*.

sogeitos à obediência dos Prelados; e assim clamavam nos Capítulos, que ou os obrigassem a largar a habitação, ou se estendessem a Cerca do Convento de sorte, que também a comprehendesse.”<sup>88</sup>

Voltando à questão da escolha de vida feita por Frei Agostinho, Maria Eugénia Ferreira alerta para “o facto de a obra do poeta, mais do que a suposta dor causada por um amor mal sucedido, documentar aquilo a que chamou a *dor-desencontro*.”<sup>89</sup>

Assim, convém referir que: “importa não cair na miragem simplista que explica o pessimismo em função do carpir de melancólica paixão, deixada no mundo, quando, na realidade, o seu contacto com os Homens - seus irmãos em Religião ou não – é a base desse desencontro.”<sup>90</sup>

Também Teixeira de Pascoaes se mostrou hesitante em aceitar ver, no amor, a causa da mágoa que “o exilou da alegria humana para as tristezas das solidões religiosas”<sup>91</sup>, contudo, para nossa surpresa, avançando no texto, narra, de forma romanceada, a tristeza de Agostinho, ao contemplar uma dama fria e sorridente, num salão frio:

“Pobre e divino Poeta! Estou a vê-lo na convivência dos fidalgos. Vejo-o alheado e triste, num vasto salão, à luz das tochas que sorri, como lábios de defunto, nos altos lustres lapidados. Vejo-o, entre

---

<sup>88</sup> *Ibidem*.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p.68, citado por Daniel Faria, *A vida e conversão de Frei Agostinho*, p. 55.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p.66.

<sup>91</sup> PASCOAES, Teixeira, *Os poetas*, p. 114.

figuras hirtas, que se movem e falam, abstracto e longe de si mesmo. É um silêncio aberto numa superfície de palavras ocas e lustrosas.

Pobre e divino Poeta! A sua alegria falada de outros tempos, emudecera ante aquela dama fria e sorridente: - um bloco de gelo e formosura que se lhe cravou no coração. A imagem da primeira mulher amada e que não ama, petrifica, na nossa memória, em formas agudas e cruéis que a fazem sangrar eternamente.

O poeta, desprezado e incompreendido, interiorizou-se nas cousas que o amaram, iluminadas de brandura e transparência, a suavizar-lhe as chagas abertas por femininas garras cor-de-rosa. Nestes momentos de queda redentora, em que *compramos a lágrimas quem nos vende*, - as árvores, as pedras e as estrelas têm para nós uma expressão de simpatia condoída.”<sup>92</sup>

É verdade que Agostinho se lamenta também de situações ocorridas antes da sua conversão, como se pode constatar nestes tercetos da Elegia IV:

“Cruel me foi a minha própria terra  
Em que nasci; cruel e desumano  
O sangue meu que nela me fez guerra.

Movido de tão claro desengano,  
Desconfiado vim de nunca mais

---

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 115., citado por FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *A vida e conversão de Frei Agostinho*, pp. 47-48.

Tornar a confiar em peito humano.”<sup>93</sup>

Contudo, estas lamentações têm uma frequência e uma importância menores do que as que estão relacionadas com os acontecimentos adversos vivenciados pelo poeta, ao longo da sua vida de capuchinho e de eremita da serra da Arrábida. Além do mais, se insistirmos em hipóteses como desgostos, vitimações por calúnias, vitimações por injustiças vividas antes da sua conversão, não chegaremos a bom porto, porque também o seu irmão Diogo Bernardes se lamentou de aspectos em tudo muito semelhantes e, não obstante, não decidiu abandonar o mundo, não tendo, por isso, optado pela vida religiosa.

Na sua *Écloga XV*, Diogo Bernardes desenvolve um diálogo interessante entre Peregrino e o pastor Limiano (Frei Agostinho). Face à admiração do primeiro, que observa Limiano diferente dos tempos em que andava alegre “nos largos campos do famoso Tejo”, este respondeu:

“Tinha lá para mim que a vida tinha  
Mais sossegada cá, e mais segura,  
Ante os meus, que com gosto buscar vinha.

Foi de outro parecer minha ventura,  
Discórdias achei cá, achei dureza,  
Em lugar de sossego e de brandura.

Achei as boas leis da natureza  
Vencidos de interesse, e a gente cega,  
Que, mais que o sangue seu, seu gado preza.

---

<sup>93</sup> CRUZ, *Obras*, p. 95.

(...) Assim me aconteceu a mim comigo,  
Seguro sempre ao longe, sempre ledado,  
Triste e tratado ao perto como inimigo.

(...) Que, sendo assim, te digo  
Que não espero mais  
Nesta para mim sempre ingrata terra.”<sup>94</sup>

Era demasiado forte o amor fraternal de Agostinho da Cruz pelo seu irmão, entre todos o preferido, isto é, por Diogo Bernardes ao qual se sentia igualmente ligado pelo gosto que ambos sentiam pela poesia:

“...O povo cujo applauso recebeste,  
Vendo teu brando Lyra dedicado  
A Príncipe Real, claro, excelente,  
  
Louvará muito mais quanto escreveste,  
De mim, meu caro irmão, menos louvado,  
Louva comigo a Deus eternamente.”<sup>95</sup>

Vemos que o poeta deseja esquecer o mundo, os seus prazeres, as suas relações. Vê-lo-emos na concentração, na contemplação, absorto no sentimento divino, que agora deve nortear a sua vida. Para além disso, ele só deseja morrer bem, é esta a sua única aspiração: conseguir na morte o que em vida não fora capaz de atingir:

---

<sup>94</sup> BERNARDES, Diogo, *O Lima*, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1946.

<sup>95</sup> CRUZ, *Obras*.

“No silencio da noite, em que vigio,  
Desterrado da terra o pensamento,  
No que dentro desta alma represento,  
Ora me aqueço mais, ora me esfrio.

E pãra temperar fogo com frio,  
Em que me esfrio mais, ou mais me aqueço,  
Dos efeitos do puro sentimento,  
Na minha saudade choro e rio.

Depois destes contrários temperados  
Na mor quietação, na mor brandura,  
Meus pensamentos ficam sepultados.

Temperada a frieza na quentura  
Do meo divino amor tão apurados,  
Que me deixam em paz na sepultura.”<sup>96</sup>

Após a nossa investigação sobre os motivos da conversão de Frei Agostinho da Cruz, somos levados a acreditar que o motivo mais forte, que o fez tomar o Hábito de Capuchinho na flor da idade, terá sido a sua grande vocação para *as coisas de Deus*.

De tudo o que se disse sobre os motivos da sua conversão, facilmente se encontra eco nos seus escritos, como fomos demonstrando.

---

<sup>96</sup> *Ibidem*.

#### 1.1.4. Da Serra da Arrábida e da Vida Eremítica de Frei Agostinho da Cruz

A obra poética de Frei Agostinho da Cruz está repleta de referências à sua amada Serra da Arrábida. Percorrendo o seu *corpus literário*, são inúmeros os sonetos, as elegias e as élogas que cantam o tema serrano com tudo o que ele alberga e representa na vida do Capuchinho arrábido. Neste local tão ermo, o nosso Frei encontra o *locus* ideal para a oração e a contemplação, como nos dá conta o soneto:

“Dos solitários bosques a verdura,  
Nas duras penedias sustentada,  
Nesta Serra, do mar largo cercada,  
Me move a contemplar mais fermosura.

Que tem quem tem na terra mor ventura,  
Nos mais altos estados arriscada,  
Nas mãos do Creador da creatura?

A folha, que no bosque verde estava,  
Em breve espaço cahe, perdida a flor,  
Que tantas esperanças sustentava.

Por isso considere o peccador,  
Se quando na pintura se enlevava  
Não se enlevava mais no seo pintor.”<sup>97</sup>

O convento da Arrábida era pertença da ordem de S. Francisco. A Província fora criada a instâncias do Cardeal D. Henrique<sup>98</sup> pelo Geral Fr. Francisco de Samora no

---

<sup>97</sup> *Ibidem.*

Capítulo que celebrou no Convento de S. José, cabeça da Província.<sup>99</sup> A Província da Arrábida tinha 21 conventos e dois hospícios. A igreja e o mosteiro da Arrábida foram mandados construir por D. João de Lencastre, 1º Duque de Aveiro, seu padroeiro; estas edificações constituíam o Convento novo, distinguindo-se das primeiras casas que recolhiam os poucos frades que lá se iam estabelecer. O rigor da ordem fazia com que poucas almas optassem por este *modus vivendi*.

O primeiro cenobita, Frei Martinho de Santa Maria, vindo de Múrcia em 1539, levava uma vida demasiado austera e esta vivência em pouco se alterou com a chegada de S. Pedro de Alcântara, que viveu na Serra da Arrábida como eremita entre 1542 e 1545 e que volta de Castela em 1548, e de outros frades oriundos da vizinha Espanha.

Foi Frei Martinho de Santa Maria, o fundador da Província, que “escreveu por sua mão” os Estatutos que queria ver observados.<sup>100</sup> Em 1603, tiveram aprovação, por breve pontifício, estes estatutos que, após algumas emendas e refundições, acabaram por ser impressos em 1697. A grande demora na impressão deveu-se à pobreza da Província e, entretanto, os frades iam-se guiando por manuscritos de um Cerimonial do Coro e do Altar.

A regra contida nos Estatutos era muito austera, obrigando os frades a andarem vestidos de pano vil e grosseiro, remendado até ao fio, e descalços; dormiam sobre uma esteira ou cortiça; jejuavam a pão, água e poucas ervas cozidas; guardavam silêncio, e, além da reza do ofício Divino, faziam, todos os dias, três horas de oração mental.

---

<sup>98</sup> O Cronista da Arrábida ensina que foi D. João de Lencastre, 1º Duque de Aveiro, quem doou a Serra da Arrábida a Frei Martinho de Santa Maria, que assim teve o ensejo de se tornar o fundador do Convento situado na afamada Serra.

<sup>99</sup> Ficou tendo como armas a imagem de Nossa Senhora no alto da Serra, e a seus pés, à direita, S. Francisco e, à esquerda, Santo António com a Cruz.

<sup>100</sup> Cf. PIEDADE, *Chronica*, pp. 135-136.

A descrição que nos é feita por Frei António da Piedade em *Crónica dos Frades da Arrábida* corrobora as imagens que a obra poética de Frei Agostinho da Cruz deixa entrever:

“Nunca se imaginou tal aspereza,  
Não digo dos penedos do deserto,  
Mas da fome, do frio e da pobreza.

Dos pés até à cabeça anda coberto  
De laã de alheas cabras, remendado  
De mil cores, sem ordem, sem concerto.

Traz uma corda grossa, a que anda atado  
Pelo meio, descalço, mas sem mais nada;  
Sem bolsa, sem surrão e sem cajado.

Barba e cabeça traz toda rapada;  
Qualquer cousa que quebra, fende, ou fura,  
No seu pescoço a leva pendurada.

Os pés, se por compasso pôr cura,  
Quer gretados do frio, quer doentes,  
Também neles lhe poêm uma atadura.”<sup>101</sup>

Toda a Serra da Arrábida era revestida de mata Formosíssima merecedora dos elogios de todos quantos a visitavam, e Frei Agostinho da Cruz canta-a nos seus versos:

“Dos solitários bosques a verdura,

---

<sup>101</sup> LIMA, *Poesias Selectas*.

Nas duras penedias sustentada,  
Nesta Serra, do mar largo cercada,  
Me move a contemplar mais fermosura.”<sup>102</sup>

“No meo desta Serra, onde se cria  
Aquella saudade d’alma pura,  
Que no duro penedo acha brandura,  
Ardente fogo dentro n’agoa fria,

Ouço no passarinho a melodia,  
Vejo vestir o bosque de verdura,  
Variar-se no ceo outra pintura,  
Que em vários sentimentos me varia.”<sup>103</sup>

atribuindo-lhe, como fazia a donzela nos cantares de amigo, uma função de confidente:

“Convosco e dentro de vós, Serra batida  
Mais das ondas humanas que marinhas,  
Cantarei, como cisne, a despedida.

Testemunha sois vós das queixas minhas,  
E porque quero mais, antes que gente,  
As feras e serpentes por vizinhas.”<sup>104</sup>

---

<sup>102</sup> CRUZ, *Obras*.

<sup>103</sup> *Ibidem*.

<sup>104</sup> *Ibidem*.

Foi a este lugar que se acolheu Frei Agostinho da Cruz, e podemos imaginar como lhe corriam os dias durante o período de catorze anos, em que perseverou na vida eremítica e contemplativa que, livremente, escolhera.

Distante ficava o Convento, onde, em comunidade, viviam os seus irmãos frades. Para lá se dirigia ele somente uma vez por semana, em busca do pão com que se alimentava. Esse pão e alguns frutos que colhia lhe bastavam para se alimentar. Apesar da vida austera que levava, Frei Agostinho mostrava-se resignado, muito afável, alegre e benévolo para todos.

Quando não estava em meditação, entretinha-se em inocentes prazeres como pescar e fazer bordões, de que todavia se desculpa contra os maldizentes:

“Em que parte, em que terra  
Se pode vituperar,  
Quem pesca peixes no mar  
Ou corta lenha na Serra?”

Não nos deve causar admiração o facto de ele conhecer e nomear nos seus versos várias espécies da fauna e da flora da Serra onde vivia, pois era intenso o seu contacto com a natureza envolvente.

Mais do que uma vez abandona a serra, mas sempre voltará. Na *Écloga Da Mudança da Arrábida*, Míncio fala com Limabeu (alter-ego de Frei Agostinho) sobre um dos seus abandonos da serra:

Míncio:

“Eu tenho para mim (segundo as queixas  
Que na Mata do Lobo me contaste),

Que não sem causa agora a Serra deixas.

Mas há tão pouco tempo que chegaste,  
Que darás que falar lá na Ribeira  
De quão cedo na Serra te enfadaste.”

Limabeu:

“Bem sei que cada um que diz da feira  
Como nela lhe vai; e que não diga,  
Não falta quem do bem mal dizer queira.

Justa desculpa tem o que obriga  
A fazer a vontade do que manda,  
Que quem bem obedece não periga.”<sup>105</sup>

As constantes situações de conflito, provocadas por aqueles que viviam no Convento, e que não aceitavam os que levavam vida eremítica, atormentavam o nosso eremita. Num dos seus sonetos deixa entrever a sua preocupação pelo que aconteceu com Frei Diogo dos Inocentes<sup>106</sup>:

“Se vós me não deixais, Senhora minha,  
Seguro estou de nunca vos deixar,  
Porque se em mim não há que segurar,  
Assegura-me ter-vos por vizinha.

---

<sup>105</sup> LIMA, *Poesias*.

Esta écloga poderá referir-se à partida de Frei Agostinho, obedecendo a uma ordem recebida para ir tomar conta da Guardania do Convento de S. José de Ribamar, em Algés (Lisboa), onde, aliás, pouco tempo demorou, pois recebeu permissão para encetar vida eremítica na Serra.

<sup>106</sup> “Tinha já setenta annos de idade, e forão elles os que mais obrigarão ao Provincial a aceitarlhe a deição, que fazia das Patentes, e a mudallo para hum Convento, onde a vida fosse menos aspera, e pudesse de algum modo restaurar ao corpo as suas attenuadas forças.” (PIEADADE, *Espelho*, p.940.)

Foi-se-me o companheiro, que aqui tinha,  
Enfermo sem poder mais aturar;  
E pois doença e morte hão-de chegar,  
Fazei que a morte chegue mais asinha.

Segura-me, Senhora, a confiança  
Da vossa piedosa condição,  
Tão liberal comigo aqui neste ermo,

Para não recear qualquer mudança;  
Que quem de mim se serve quando são,  
Não me lançará fora quando enfermo.”<sup>107</sup>

Ainda que Frei Agostinho da Cruz não faça referência às questões que fizeram com que Frei Diogo dos Inocentes se colocasse sob as decisões do Provincial, para que ele decidisse segundo o que fosse melhor à luz dos *lustres da Reforma*, a verdade é que, na obra de Agostinho, não faltam inúmeras referências a este propósito.<sup>108</sup> Como exemplo, referimos o que nos diz a Écloga VII, *Da mudança da Arrábida*, onde ocorre um diálogo entre as personagens de Míncio e de Limabeu (Agostinho), quando este ultima as coisas para abandonar a Serra, em consequência de ordens superiores:

“Eu tenho para mim (segundo as queixas,  
Que na Mata do Lobo me contaste),  
Que não sem causa agora a Serra deixas.”<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> CRUZ, *Obras*.

<sup>108</sup> Cf. FARIA, *A vida*, p. 51.

<sup>109</sup> CRUZ, *Obras*.

Limabeu responde a Míncio que cumpre ordens superiores, e este deseja saber qual a causa dessa ordem da mudança da Serra, ao que Limabeu acrescenta não ser por achar pesada a vida que leva na Serra, até porque sempre desejara essa vida solitária:

“Confesso que fui sempre afeiçoado  
A solitários bosques do deserto,  
Que ensinam a viver desenganado.”<sup>110</sup>

E acrescenta que parte olhando para o céu, “ *para me consumir no fogo puro de amor*”, pois só erguendo os olhos para o *alto* caminhará mais seguro e se salvaguardará de perder os bens celestes:

“Por donde quer que for, levantarei  
Os meus olhos ao Ceo, de cuja vista  
Aquellas saudades colherei,

Com que possa fazer nova conquista  
Para me consumir no fogo puro  
D’amor, de cujo amor divino vista

Est’alma, caminhando mais seguro,  
Que buscando repouso nas montanhas;  
Pois no gosto da terra me aventuro

A não poder lograr cousas tamanhas  
Do Ceo, em toda a parte tão fermoso,  
Que póde penetrar duras entranhas.”<sup>111</sup>

---

<sup>110</sup> *Ibidem.*

<sup>111</sup> *Ibidem.*

Como refere Daniel Faria<sup>112</sup>, esta elegia não é o único poema em que Frei Agostinho faz referência às mudanças da Serra. No soneto intitulado *A Nossa Senhora da Arrábida*, o poeta refere que é a terceira vez que decide viver “Nesta Serra do Ceo vossa vizinha”, expressando o desejo de que este regresso seja definitivo:

“Oh Virgem Mãi de Deos, Senhora minha,  
A quem me socorri, por quem chamava,  
A quem servir minha alma desejava  
Nesta Serra do Ceo nossa vizinha.

Tornar-me à saudade que me vinha,  
Quando mais docemente contemplava,  
Como com fervor vosso caminhava,  
Daqui donde mais livre se caminha.

Esta terceira vez que determino  
(Se Vós assim também determinais)  
Sem mudança fazer a sepultura,

Mostrai-vos liberal de amor divino,  
Arça neste meu peito tanto mais,  
Quanto mais vos dotou de fermosura.”<sup>113</sup>

Daniel Faria<sup>114</sup> diz-nos que “a propósito de um dos regressos à Serra foi, certamente, composto o soneto *A Nossa Senhora*, que começa: “Daqui, Senhora minha, fui forçado/ Da santa obediência à cidade;/ Mas mais forçado vim da saudade/ Vossa, que me tornou mais esforçado.”

---

<sup>112</sup> *Vida*, p.55.

<sup>113</sup> CRUZ, *Obras*.

<sup>114</sup> *Vida*, p. 56.

Ao contrário do desejo do poeta, esse terceiro regresso, que pretendia ser o último, não foi ainda o definitivo.

Também o soneto V, outro soneto *A Nossa Senhora da Arrábida* pode ser interpretado dentro deste contexto das várias mudanças da Serra:

“Aqui, Senhora minha, onde soía  
Cantar na minha leve mocidade  
O muito que de vossa saudade  
Desejei d’accender nesta alma fria:

Aqui torno outra vez, Virgem Maria,  
Desenganado já, mais de verdade,  
Pois me mostrou do mundo a falsidade,  
Que a lágrimas comprei quem me vendia.

Conselham-me tão claros desenganos  
Que comece de novo nova vida  
Nesta Serra deserta, alta, e fragosa;

Mas são conselhos vãos, leves, humanos,  
Que vós nunca quisestes ser servida,  
Se não por puro amor, Virgem formosa.”<sup>115</sup>

Quando, aos 65 anos, obtive licença do Provincial Frei António da Assunção para ir viver eremiticamente na Serra, não foi sem resistência, temendo-se uma quebra de energia, pois era conhecido pela austeridade em que vivia, por uma bondade comunicativa, que o fazia muito procurado e estimado de quantos desejavam o conforto

---

<sup>115</sup> CRUZ, *Obras*.

de um conselho, a esmola de uma palavra amiga, um gesto de perdão. Mas era enorme o ânimo do solicitante.

Por essa altura, viviam nos Paços de Azeitão os seus protectores e amigos D. Álvaro, Duque de Aveiro, e o seu filho, o Duque de Torres Novas. Antes de se retirar, foi procurá-los para lhes apresentar as suas despedidas, tendo o velho Duque dito, gracejando: “Como se esqueceu da Arrábida, tanto que se vio em S. José de Ribamar?”

O Duque bem sabia que fora o seu cargo de Guardião, que o mantivera afastado da sua querida Arrábida, contudo, talvez não esperasse que Frei Agostinho lhe respondesse muito prontamente: “Mas se, nunca pensei tanto nela, como agora, em que de todo vou a buscá-la!”<sup>116</sup> E foi assim que comunicou ao Duque a sua decisão com uma alegria de santidade e sentindo uma grande liberdade, já *de todo despedido, e com mais quietação*. Via-se solto das amarras do mundo e desejoso de contemplar o bem a que aspirava:

“Agora que de todo despedido  
Nesta Serra da Arrábida me vejo  
De tudo quanto mal tinha entendido.

Com mais quietação, livre desejo,  
Nella quero cavar a sepultura,  
Que não junto do Lima, nem do Tejo

(...)

Oh! Serra, das estrelas tão vizinha,  
Quem nunca de ti, Serra, se apartar,  
Ou, quando se partira esta alma minha,  
Da terra, nesta tua me enterrara!”<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup> Cf. QUADROS, *O venerável*, p. 22.

<sup>117</sup> *Ibidem*.

Esta elegia *Estando na Arrábida* assemelha-se a um hino entoado por um homem livre que canta alegremente os bens que o Criador proporciona à Sua criatura. É o canto de louvor de um homem que vê, finalmente, atingido e cumprido o seu maior desejo: viver em plena comunhão com a natureza. Como veremos mais adiante, a natureza desempenhará uma função muito especial na vida e na obra de Frei Agostinho da Cruz, que a cantará até à exaustão, vendo nas suas criaturas a grandeza e a glória do Criador.

Após a decisão de tomar vida eremítica, e enquanto o Duque não lhe construiu uma cela para o recolher, Frei Agostinho armou uma choupana com ramos de árvores, onde terá vivido durante cerca de seis meses; depois, decidiu-se a iniciar a escavação de uma gruta, aproveitando a inclinação do terreno. Mas era trabalho muito árduo e as suas forças traíam-no, tendo-lhe valido, nesta difícil tarefa, a visita dos Duques; e foi o próprio D. Jorge quem escolheu o terreno para aí construir uma cela para o seu velho amigo, e ele mesmo abriu os alicerces. Perante esta atitude do Duque, Frei Agostinho disse-lhe: “...*é a paga de eu ter cantado nos meus versos o seu nascimento.*”

Frei Agostinho levava uma vida muito simples, imerso na natureza, absorvendo-se, dia a dia, na contemplação, numa radiosa esperança, dos mistérios insondáveis que o esperavam após a morte física. Nesta vida de oração e de contemplação, os seus visitantes eram os animais que tinham o seu habitat naquela Serra, como veados e genetas que lhe vinham comer à mão, deixando-se tratar por ele, repetindo quase a iconografia do Santo de Assis.

Foi grande o sentimento de perda que o invadiu, quando Frei Diogo dos Inocentes, a quem a doença prostrara, obrigando-o a recolher-se a Alcobaça, se afastou:

“Foi-se-me o companheiro, que aqui tinha,

Enfermo sem poder mais aturar;  
E pois doença e morte hão-de chegar,  
Fazei que a morte chegue mais asinha.”<sup>118</sup>

O nosso Frei vivia agora cada vez mais para o isolamento e para a meditação, sendo, por vezes encontrado em grande êxtase, suspenso e absorto, o que deveria ser consequência, certamente, de longas horas de meditação e de orações mentais.<sup>119</sup>

Após uma vivência de catorze anos de vida eremítica, eis que em Março de 1619 chega a hora de abandonar a Serra para ser conduzido para o hospital da Ordem em Setúbal, onde viria a falecer no mesmo mês.

---

<sup>118</sup> CRUZ, *Obras*.

<sup>119</sup> Cf. REMÉDIOS, *O veneravel*, pp. 31-33.

## CAPÍTULO II

### 1. O SABER E O SABOR DA PRODUÇÃO POÉTICA DE FREI AGOSTINHO DA CRUZ

“Um Poeta soberanamente poético.”<sup>120</sup>

A *poesis* (re)vela o real imaginário que o canto sublime do poeta pretende ocultar. O engenho e a arte poética de Frei Agostinho da Cruz é hoje unanimemente aceite por todos os que conhecem a produção literária nacional de Quinhentos. Poeta da Cruz, do Deus humanado, de Nossa Senhora e da Natureza, legou-nos uma obra que ainda aguarda por mais estudos que a dêem a conhecer de forma cabal.

Poeta da segunda metade do século XVI, Frei Agostinho reflecte na sua obra os tempos de crise que se vivem: crise da Reforma e da Contra-Reforma, crise do Renascimento. Prolifera uma concepção pessimista do homem, que, no dizer de Aguiar e Silva, é olhado “como um ser miserável e radicalmente corrupto, apenas redimível

---

<sup>120</sup> VIEIRA, Afonso Lopes, “Em Louvor de Frei Agostinho da Cruz”, in *Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca*, II. Comunicações apresentadas no Seminário “Da Terra da Nóbrega ao Concelho de Ponte da Barca”, Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes, Ponte da Barca, 1998, p.238.

através de um acto da graça de Deus”<sup>121</sup>, sendo visível o “sentimento de insegurança existencial, de efemeridade das coisas e dos bens do mundo, de incoerência do universo, a visão pessimista do homem (que) haviam de gerar o sentimento do desengano, o arrependimento, o anseio dolorido de penitência e a busca de Deus.”<sup>122</sup>

A piedade laical, o individualismo, o recolhimento interior, o culto em espírito, o valor da oração, o rigor ascético com a valorização do afecto, a proeminência da Bíblia como fonte, que foram importantes marcas de influência na rica espiritualidade do século XVI, pontuam toda a produção poética de Frei Agostinho.

Em 1918, no Instituto de Estudos Catalães de Barcelona, Teixeira de Pascoaes diz dele: “ Camões é o poeta que eu mais admiro. Frei Agostinho é o poeta que eu mais amo: o poeta mais sincero e lusíada que Deus abençoou.”<sup>123</sup> E, na sua obra *Os poetas*, considera a obra de Frei Agostinho da Cruz o “canto mais sincero e puro que se ouviu em terras de Portugal.”<sup>124</sup>

Em 1940, Afonso Lopes Vieira apela, referindo-se ao frade Arrábido, “Admiremo-lo, pois, como a sua alma e a sua poesia merecem.

Admiremo-lo como um dos mais puros, mais doces e subtis cantores da Alma Cristã. Admiremo-lo como sendo dos maiores poetas portugueses e como um herói do Espírito.”<sup>125</sup>

---

<sup>121</sup> SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*, Centro de Estudos Românicos, Coimbra, 1971.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p.33.

<sup>123</sup> Citado por NEVES, Moreira das, “Frei Agostinho da Cruz, poeta de Nossa Senhora”, in *Subsídios para a História da Terra de Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca, II*, p.242.

<sup>124</sup> P. 111.

<sup>125</sup> VIEIRA, *art. Cit.*, p. 238.

## 1.1. – Notas marcantes na arte poética de Frei Agostinho da Cruz

Há, na poesia de Frei Agostinho da Cruz, um tom doloroso, o selo da tristeza que punha em tudo o que o rodeava, a nota do “mistério do além”, que o domina e subjuga a existência, que faz dos seus poemas verdadeiros hinos impregnados de religiosa piedade.

Da vida passada só se divisam sombras de sombras inatingíveis. Canta o “doce Lima” como aquele que o viu nascer, o Mondego e o Tejo, que o viram crescer e prosperar:

“Na ribeira do Lyma fui nascido,  
Na do Mondego e Tejo fui creado,”<sup>126</sup>

Só no deserto encontra remédio para a sua grande tristeza, como podemos inferir dos versos que seguem:

“He mui diferente  
A minha tristeza  
De quanta se sente  
Noutra natureza.  
Vamos ver da Serra  
Do monte deserto  
O ceo de mais perto,

---

<sup>126</sup>CRUZ, *Obras*

De mais longe a terra.”

As alusões vagas e imprecisas ao seu passado encontram-se especialmente nas *Éclogas*, onde podemos encontrá-lo sob o pseudónimo de *Limabeu*, e seu irmão *Diogo Bernardes* na personagem de *Míncio*. A *Écloga* primeira versa o tema da sua conversão. Frei Agostinho escreve-a junto a um claro rio, que lhe sugere a terra natal.

No solilóquio em que explica a mudança psíquica e moral, que nele se operou, faz a apologia da Serra da Arrábida, como o único lugar onde a sua alma é capaz de encontrar repouso:

“Não falta nos desertos agoa clara;  
A lapa, que da calma me defende,  
Se ventar ou chover também me ampara.

...

Aqui não temerei a cruel guerra,  
Daqui verei no Ceo formosas côres,  
Assi me esquecerão cousas da terra.”<sup>127</sup>

Na quarta *Écloga*, figuram *Limabeu* e *Míncio*. É este, certamente, o irmão querido que o repreende pela sua mudança, tendo-o deixado num isolamento que não merecia:

“Companheiro te fui no sentimento,  
Nunca me viste rir, quando choravas;

---

<sup>127</sup> *Ibidem*

Menos chorar no teu contentamento.

Com igual amor tu o meu pagavas,  
Isso me fez sentir não te lembrar,  
Que te partias donde me deixavas.”<sup>128</sup>

O que o pastor Míncio deseja saber é o motivo da retirada para a aspereza do deserto, aquele abandono de tudo, e Limabeu queixa-se de ser acusado e perseguido injustamente. Um amigo o traiçooou, um amigo que muito diversamente o deveria tratar, mas que o difamou com os outros pastores:

“Quem fosse cego e mudo, que não visse,  
Muito menos sentisse quanto entende.”<sup>129</sup>

Na Écloga VII, encontramos de novo os dois irmãos. Frei Agostinho deveria estar ainda há pouco na Arrábida e parece que se propunha abandoná-la pelo menos temporariamente. Então, Míncio pede-lhe que lhe diga os motivos dessa decisão.

A Écloga XII reveste um carácter de confidência indecifrável. Limabeu, dirigindo-se ao irmão, diz-lhe:

“Pois de tão longe, Míncio, vens a ver-me,  
Pois não pude escapar, como quisera,  
Quero contigo só desencalhar-me.

.....

---

<sup>128</sup> *Ibidem*

<sup>129</sup> *Ibidem*

He verdade que fujo, não to nego,  
De conversar a muitos; porque sei  
Quão mal no gosto seu meu tempo emprego.

.....  
Bem sabes quanto ri, quanto folguei  
De cantar e tanger, que graça tinha,  
Quantas apostas fiz, quantas ganhei;”<sup>130</sup>

De tudo o que Frei Agostinho da Cruz escreveu sobre e ao seu irmão Diogo Bernardes, facilmente concluímos que este foi sempre o amigo querido do grande solitário. A Carta que lhe endereça em resposta a uma que dele recebera é um verdadeiro hino aos afectos:

“Se tanto penetrou toda a dureza  
O som do teu suave, e doce canto,  
Que fará numa branda natureza?

Culpas o meu amor, e dizes quanto  
Me tinhas; muito foi; não sei se diga,  
Que tenho agora mais sempre outro tanto.

.....  
Não sinto que passasse mor perigo  
Para carecer desta liberdade,  
Que desejar viver só lá contigo.

---

<sup>130</sup> *Ibidem*

Tamanha força tinha a saudade  
De leve meninice bem gastada  
Após da tua grave mocidade.”<sup>131</sup>

A maior parte das poesias saídas da pena de Frei Agostinho da Cruz são de carácter profundamente religioso, revelador do seu estado de alma, acompanhando passo a passo a vida do monge penitente. Podemos afirmar que a sua produção poética se assemelha a um diário dum alma de eleição, que se eleva até Deus desde que se levanta<sup>132</sup> e até que se recolhe à noite para dormir<sup>133</sup>, entretendo constantemente o pensamento nos mistérios divinos, como a Imaculada Conceição, a Encarnação, Paixão e Morte de Jesus Cristo e mais passos que Lhe dizem respeito, e também na contemplação das virtudes de santos, como S. João Baptista, S. Francisco, Santa Clara, Santo António, entre outros.

A lira de Frei Agostinho é impregnada dum sentimento tão sincero de verdade e de naturalidade que impressiona profundamente. É a alma dum verdadeiro crente, resignado, compassivo, amoroso, pondo uma inalterável confiança em Deus que nos surge em cada poema:

“Ancorou-me a velhice no remanso  
Deste mar Oceano, largo e brando,  
Onde não tenho já que andar remando,  
Nem querer noutra parte melhor lanço.

---

<sup>131</sup> *Ibidem*

<sup>132</sup> Veja-se, a este propósito, o seu soneto “Ao levantar da cama” em *Obras*.

<sup>133</sup> A oração nocturna de Frei Agostinho está evidenciada no soneto “Ao recolher á noite para dormir” em *Obras*.

Neste repouso meo, em que me lanço,  
E me levanto sempre desejando,  
As forças se me vão accrescentando  
Pera alcançar um bem, que não alcanço.

E tendo já no mar ferro lançado,  
A confiança minha não se altera,  
Por mais que o bravo mar vejo alterado.

Antes mais firme e forte persevera,  
Que quem só no seo Deos tem ancorado,  
Do bem se logra já, que ter espera.”<sup>134</sup>

Com a leitura do Ofício, os frades habituavam-se ao convívio com as Sagradas Escrituras, e foi, muito certamente, influenciado por estas leituras que Frei Agostinho da Cruz compôs muitos dos seus poemas. E esta influência reflecte-se na frequência com que ocorrem citações do Antigo e do Novo Testamentos na obra do poeta Arrábido. O Livro dos Salmos, por exemplo, foi objecto das suas glosas, o que se compreende, pois, em regra, os textos deste livro sagrado predominam na recitação das horas canónicas.

Na vida regrada e austera que Frei Agostinho exemplifica em sonetos como “Ao levantar da cama”, “À protestação da fé”, “Ao Padre-Nosso”, “À Ave-Maria”, “As graças depois de mesa”, “Ao tanger das Ave-Marias”, “Ao recolher à noite para

---

<sup>134</sup> CRUZ, *Obras*.

dormir”; nesta vida pautada por rigorosos hábitos instituídos pela Regra estabelecida, tinham lugar três horas diárias de oração mental.

Mas quais seriam as leituras que alimentavam o exercício da oração mental e qual a sua influência na arte poética de Agostinho?

Somos levados a acreditar que Frei Agostinho tenha lido o *Libro de la Oración y Meditación* redigido por Frei Luís de Granada e depois aprofundado por S. Pedro de Alcântara, porque encontramos composições do nosso poeta Arrábido muito idênticas a certos passos daquela obra. Assim, as oitavas “A Christo com a Cruz às costas”<sup>135</sup> e “A Christo coroad”,<sup>136</sup> quando comparadas com os textos do *Libro de la Oración y Meditación* sobre a coroação de espinhos e sobre a quinta-feira Santa, revelam grande aproximação entre os dois textos, isto é, entre as Poesias de Frei Agostinho e o *Libro de la Oración y Meditación*.<sup>137</sup>

Poder-se-ia também fazer uma comparação entre alguns sonetos<sup>138</sup> e certos textos do *Libro o Tratado*; Frei Agostinho glosa ali orações que são as indicadas no *Libro de la Oración*. Entretanto é difícil, por vezes, justificar as coincidências, pois, no campo da literatura ascético-mística, as influências e as coincidências entrecruzam-se como fios que entretecessem um delicado e matizado tecido. Assim, o caso do soneto “Ao levantar da cama”<sup>139</sup> que, confrontado com o passo do *Tratado* em que se enunciam os sentimentos que o cristão há-de ter ao acordar, põe de manifesto flagrantes semelhanças. Contudo, dar graças a Deus pela noite tranquila e por todos os benefícios da Criação e da Redenção, oferecer-Lhe o dia que começa com todos os trabalhos e

---

<sup>135</sup> CRUZ, *Obras*.

<sup>136</sup> *Ibidem*

<sup>137</sup> Cf. FERREIRA, Maria Eugénia Pedro de Jesus, *O Sentimento Religioso em Frei Agostinho da Cruz*, dissertação dactilografada, apresentada para licenciatura em Filologia Românica, na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1957; cf. pp. 51-56.

<sup>138</sup> Cf. CRUZ, *Obras*, pp. 174-177 e 184.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 174.

sofrimentos e pedir-Lhe para, durante aquele dia, O não ofender é uma espécie de a-bê-cê ou caso paradigmático de orações da manhã.

De qualquer modo, dada a presença de Frei Pedro de Alcântara na Arrábida, onde encetou a vida eremítica, é de admitir que o *Libro de la Oración* de Granada-Alcântara fosse do conhecimento de Frei Agostinho da Cruz.<sup>140</sup>

A espiritualidade capucha inclinava-se francamente – escreve José Sebastião da Silva Dias - para a rápida imersão da alma nos estados místicos.

## **1.2. - Frei Agostinho, poeta místico?**

Estará a poesia de Frei Agostinho da Cruz tão pautada por marcas semânticas que nos levem a inseri-la na corrente mística? A caracterização da espiritualidade de base dos capuchos é pouco clara, mas é de aceitar que a escola ascético-mística germano-flamenga tenha tido um papel importante nos ideais dos capuchos portugueses.<sup>141</sup> O que não oferece dúvidas é que Frei Agostinho da Cruz, coincidindo com a opinião de Granada acerca da superioridade da via afectiva sobre a via escolástica, se integrava numa tradição franciscana, em que os valores da sensibilidade eram muito aproveitados. A contemplação de Cristo crucificado, a meditação afectiva das suas dores e a compaixão delas dominam os horizontes da sua poesia.<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> Cf. *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal* (séculos XV a XVIII), tomo I, Coimbra, 1961, p-298.

<sup>141</sup> Cf. *Ibidem*, p. 299.

<sup>142</sup> Cf. FERREIRA, *O Sentimento*, p. 79.

Se a espiritualidade capucha inclinava francamente para a rápida imersão da alma nos estados místicos, temos de pensar que Frei Agostinho da Cruz houve de beneficiar de tais estados. Todavia, há no *Tratado o Libro de la Oración* e nos *Estatutos* dos Frades Arrábidos uma descrição quanto à vida interior – graças de oração – que parece de grande importância assinalá-la e que, no caso de Frei Agostinho da Cruz, seria elucidativa do seu silêncio, no que respeita a prováveis favores místicos. Há no *Tratado* uma recomendação muito significativa: “calar los favores y regalos que Nuestro Señor le hiziere sino fuere a solo su maestro spiritual”; tal recomendação, a ter sido estritamente seguida por Frei Agostinho da Cruz, explicaria as poucas alusões ou descrições de graças místicas que tenha recebido.

Uma via de acesso à problemática de uma experiência mística (expressa ou inexistente) na poesia de Frei Agostinho da Cruz fica esboçada. As ilações que podem tirar-se por meio desta via de acesso, exterior à obra, são:

a) que Frei Agostinho experimentou, muito provavelmente, estados de natureza mística, dadas as tendências da Ordem em que professou;

b) que a reserva e a discrição, obrigatórias ou aconselháveis, entre os Frades Capuchos, no que respeitava a graças místicas, talvez explique o silêncio de Frei Agostinho e a ausência de alusões ou descrições, ligadas a uma experiência mística, de que a sua obra poética contém escassos indícios.

Poder-se-á perguntar: porquê tais reservas e precauções a velarem a vida interior dos Capuchos? É que o século XVI, no prolongamento dos últimos anos do século XV, é tempo de inquietações e mistificações. Frei Luís de Granada fala de uma multidão de “servos de Deus que andam pelo mundo, pobres, mal vestidos, descalços e pálidos, faltos de sono e de conforto e de todo o necessário para a vida, alguns dos quais desejam e amam tanto os trabalhos e asperezas que, assim como os mercadores andam a

buscar as feiras mais ricas e os estudantes as Universidades mais ilustres, assim eles andam a buscar mosteiros e províncias de maior rigor e aspereza, onde não achem fartura, mas fome, não riqueza, mas pobreza, não regalo de corpo, mas cruz e mau trato”.<sup>143</sup>

A par das inquietações ortodoxas, as irrequietudes heterodoxas; a par de um anseio de renovo e de vida mais intensa com Deus, a instabilidade e a fantasia de invenções que descambavam ora na afectação desequilibrada ora na declarada heresia. Para evitar desvios e ainda como exercício de humildade, aconselhavam os mestres da Ordem Franciscana, aos seus frades capuchos, que se não abrissem se não com o director espiritual acerca de “favores e dons que Nosso Senhor lhes fizesse”. Este conselho, que era, ao mesmo tempo, precaução atilada, estará na raiz da atitude de Frei Agostinho da Cruz, poeta e frade capucho de Quinhentos?

Outra via de acesso à problemática da poesia religiosa de Frei Agostinho embrenhar-se-á pela obra do frade capucho que ele foi, em procura de sinais visíveis e inequívocos de uma experiência mística que se comunicasse através do seu verso.<sup>144</sup>

Em *Obras* de Frei Agostinho da Cruz, encontram-se na página 299 da edição de Mendes dos Remédios, os versos:

“Mal se pode escrever o que se sente

No meio do silêncio sepultado,  
Consumido de amor, em fogo ardente.

Não quer ouvir o mal acostumado  
A quem curar deseja seu defeito,  
Mais quer não se curar, que ser curado.

---

<sup>143</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>144</sup> Cf. *Ibidem*.

O que mais claro vir esta verdade,  
Não tem pêra que mais se desvelar  
Em versos da divina saudade.”<sup>145</sup>

Esta confissão de incapacidade para “escrever o que se sente” encontra-se numa elegia, no começo da qual o poeta diz:

“Deixei de cantar já, como sohía  
Por ver se poderia, não cantando,  
Seguir o sumo bem de que fugia.”

Na sequência destes versos, alude o poeta ao exercício da contemplação e à quietude do pensamento, necessária para se lograr tal contemplação; Frei Agostinho da Cruz insere na elegia uma espécie de arte de trovar a lo divino, em que sobressai a valorização do que, no poema, sirva para despertar, sobrenaturalmente, o homem:

“Que pouco val cantar suave e brando,  
Nos ouvidos de quem não tem brandura,  
Perdendo quanto mais sinto calando.

O bosque que se veste de verdura,  
Vestem os meus desejos d’esperança,  
Obra do Creador na creatura.

...

Finalmente que dou por escusadas,  
Palavras das humanas creaturas,

---

<sup>145</sup> CRUZ, *Obras*.

Pois estas fallam mais sempre caladas,  
Doces versos envoltos em brandura.

Do contemplar procede o sentimento,  
Que deixo de lograr mais docemente,  
Quanto menos quieto, o pensamento.

...

O que mais claro vir esta verdade,  
Não tem pêra que mais se desvelar  
Em versos da divina saudade.

...

Escuse de limar em prosa ou rima,  
Porque sem se limar a rima ou prosa,  
Nem por isso no Ceo menos se estima.”<sup>146</sup>

Deduz-se do que afirma que era aconselhado a escrever “versos para acender os frios peitos.<sup>147</sup>: “A poesia teria, deste modo, por objecto a conversão alheia e a edificação do próximo, visto que à alma do poeta parecia nociva: “Deixei de cantar.../ por ver se poderia, não cantando / seguir o sumo bem de que fugia.”<sup>148</sup>,

O poeta exprime o sentimento da perfeita indiferença, indiferença a que a saudade de Deus dá vigor; fixado na divina saudade, nada causará espanto ou sofrimento a Frei Agostinho da Cruz. Na serra (de Sintra), semeia o amor divino rosas e lírios e na serra se encerra e se derrama o mesmo amor divino.

---

<sup>146</sup> *Ibidem.*

<sup>147</sup> *Ibidem.*

<sup>148</sup> *Ibidem.*

Transbordante de desejos de união com Deus e como que inebriado, o poeta glosa a lo divino os benefícios do Amor, servindo-se de fórmulas do amor profano, algumas bem camonianas; e, evocando o Crucificado, acaba por exclamar: “Ai! E quão tarde / Senti de amor, que amor, por amor arde!” Trata-se talvez de um arroubo, um saborear da doçura e da firmeza do amor divino. Apelo, iniciação nos primeiros graus da oração mental em que a imagem do Crucificado desencadeia um processo afectivo de exclamações compassivas. É um estado próximo daquele que o soneto LXVIII (“Voto de ardente amor divino”) comunica: “Quem me dera por língua um raio fruto da contemplação da Natureza, que é criatura de Deus e onde Deus se derrama; fruto também da contemplação de Cristo crucificado. Mas é ainda apenas um apelo, ardente.” As definições do amor de Deus sucedem-se neste soneto: “Amor que não se vê, sendo luz clara / Amor que do céu e no céu pára / Amor que quem o sente, não se sente”.<sup>149</sup>

Há, aqui, embora sob a aparência de uma catequese e de uma série de definições, uma terminologia que implica conhecimento, pelo menos teórico, dos fenómenos místicos: “Amor que n’alma imprime um ser divino / Que alumando abre, abrindo acende / Derrete unindo, e / une transformando”.<sup>150</sup>

Não estaremos mesmo perante um conhecimento não só teórico, mas também verdadeiramente prático dos fenómenos místicos? Porque será tão difícil para os estudiosos da obra de Frei Agostinho da Cruz verem na sua obra poética uma vertente mística?

No nosso entendimento, são claríssimos os traços de uma componente marcadamente mística, pois as vias iluminativa e unitiva da vida mística estão bem aludidas na poesia do nosso Arrábido. Diz-nos Baruzi<sup>151</sup> que S. João da Cruz, ao querer transmitir, por meio de palavras, a ciência e a experiência de Deus, dizia: “Quien podrá

---

<sup>149</sup> Cf. FERREIRA, *O Sentimento*, pp. 105.106.

<sup>150</sup> CRUZ, *Obras*.

<sup>151</sup> *Saint Jean de la Croix et le problème de l’expérience mystique*, tomo II, p. 493.

escribir lo que a las almas amorosas, donde El mora, hace entender y quien podrá manifestar com palavras lo que las hace sentir”.

Em Frei Agostinho da Cruz ocorrem alguns passos semelhantes ou equivalentes, quanto à Paixão. Aqui e ali, na sua obra, surgem-nos expressões do inefável, alusões a experiências que se inserem no âmbito da produção mística: “Mal se pode escrever o que se sente / No meio do silêncio sepultado / consumido de amor em fogo ardente”. Às vezes, o poeta faz menção de um grau já adiantado nas vias da união com Deus: “Mas como e donde posso defender-me / ...Senão sendo metido em vosso lado / Pêra todo de mim mesmo esquecer-me / E só de vós, meu Deus, ser alebrado?”<sup>152</sup>

Na elegia que se intitula “da Arrábida”, há referência a um estado em que a contemplação se esboça como quietude e entrega:

“...a minha alma em puro fogo acesa,  
Não sinta, nem consinta outro desejo  
Se não ficar d’amor divino presa.”

É notório como o poeta exprime a ambição da sua alma em puro fogo acesa.

Na elegia “Ao Divino Amor”, Frei Agostinho da Cruz alude a um contacto com Deus tão intenso que a alma se lhe ficou “toda ardendo em sede amorosa”. Repare-se, igualmente, no movimento de ardência e dinamismo místico, no “tabernáculo maravilhoso” da eternidade de Deus: “Onde tudo é suave e deleitoso, / ó vozes de alegria e / ó banquete eterno e glorioso!”<sup>153</sup> Canção da alma, em ardor místico, esta elegia é um maravilhoso canto de lamento da alma, angustiada e inquieta, cujo remate é:

“Ó alma, porque me dás tormento

---

<sup>152</sup> CRUZ, *Obras*.

<sup>153</sup> *Ibidem*.

Espera e terá o teu mal cura  
Espera e verás teu contentemento.”

Poderemos continuar a ignorar a componente mística da palavra poética de Frei Agostinho da Cruz?

Não nos parece legítimo que se ignorem tantos ecos da experiência mística do poeta.

Assim, no acesso à problemática da poesia religiosa de Frei Agostinho, dever-se-á, no nosso entender, ir mais longe ainda na devassa de outros sinais de uma experiência mística, que através do verso se comunicasse. Esta via de acesso, que intenta levar ao âmago dos textos, investiga neles – na palavra, na tessitura verbal – as linhas de rumo e os elementos característicos do mundo que o poeta recriou. Deste modo, há-de ser, pois, numa análise dos dados que integram o verso, numa investigação dos elementos de que os poemas se servem ou com os quais se fabricam, que se hão-de procurar os sinais de uma experiência mística neles expressa.

Neste sentido, o primeiro campo de ensaio deve ser o do vocabulário da obra poética de Frei Agostinho da Cruz. Como se sabe, o vocabulário utilizado resulta de uma escolha que o autor faz nos léxicos de que dispõe: sabido é também como o vocabulário pode revelar e ajudar a caracterizar o mundo que, pela palavra, o poeta reconstrói. Convirá, portanto, que esta via de acesso à poesia de Frei Agostinho da Cruz se embrenhe na demanda dos dados que o estudo do vocabulário do poeta pode fornecer. À guisa de sondagem e a título de ensaio, sirva-nos, como primeiro campo de experiências e pesquisas, o vocabulário de um longo excerto da écloga II, que começa: “Meu Deus, que cousa pode ser tão forte / Que género de morte, que tormento”<sup>154</sup>

---

<sup>154</sup> *Ibidem*, p.28.

Embora longo, transcrever-se-á integralmente o passo para, assim, se seguir o caminho da pesquisa e os possíveis desvios ou lacunas da investigação, tendo presente e sob o olhar o texto:

“Meu Deus, que cousa pode ser tão forte,  
Que género de morte, que tormento,  
Que dor, que sentimento, que tristeza,  
Que pena ou que aspereza em toda a vida,  
Que numa alma ferida de verdade  
Da vossa saudade, cause<sup>155</sup> espanto?  
Que não digo, por quanto nisso alcança;  
Pois numa só lembrança, inda que breve  
A muito mais se atreve, mais deseja  
Mas porque se despeja tanto mais  
No muito que lhe dais do vosso muito  
Que contemplando o fruto do que espera  
Na doce primavera colhe flores  
De tão diversas cores tão Formosas.  
Que lírios e que rosas, de contino  
Semeia amor divino nesta serra,  
Onde tanto se encerra e se derrama!  
Amor acende, inflama, amor tem tudo  
Seta, lança, escudo: dá vida, e mata,  
Cativa, desbarata, solta e prende.  
Amor livra, e defende, planta e rega;  
Amor freta, e navega, amor segura;  
Amor cria brandura na dureza,  
E converte a tristeza em alegria;  
A noite escura em dia fresco, e claro.  
Amor é meu amparo, e meu descanso;

---

<sup>155</sup> Na edição de Mendes dos Remédios está *causa* em vez de *cause*. Outros exemplos como “Ó abismos das minhas aflições / *chamoo* abismo”... (no texto, por “O abismo de minhas aflições / *chama* o abismo”...) põem de manifesto a necessidade de uma edição crítica. Estes são, aliás, exemplos de males menores; outros há, maiores, que tornam urgente a aludida edição crítica.

Amor é brando, e manso, piedoso,  
Suave, e saudoso, doce e puro  
Forte, firme, e seguro, verdadeiro.  
Amor pôs num madeiro meu Senhor,  
Trespasado de dor, aberto o lado;  
De mãos e pés pregado: ai! e quão tarde  
Senti de amor, que amor por amor arde!”

Enquanto nos primeiros seis versos só encontramos substantivos abstractos, nos versos seguintes já verificamos a ocorrência de nomes concretos, ainda que alguns tenham uma significação bivalente, como é o caso de *lírios*, *rosas* e *primavera*; estes nomes são, simultaneamente, alusivos a flores do campo e estação do ano e flores de alma e tempo anímico; flores que são sentimentos de ardência e de pureza, assim como a Primavera o é do tempo e da alma. Interessa-nos aqui realçar que esta simbologia é muito característica da poesia religiosa ascético-mística.

Retomando o substrato vocabular do monólogo da elegia em estudo, é importante referir que o substantivo *amor* ocorre onze vezes, sendo considerado o *leitmotiv*, que culmina na exclamação: “e quão tarde / senti de amor, que amor por amor arde”. Igualmente importantes são os nomes *seta*, *lança*, *escudo*, *madeiro*, *lado*, *pés* e *mãos*, que nos remetem para o campo semântico da Paixão de Jesus Cristo. Refiram-se também os substantivos abstractos *brandura*, *dureza*, *tristeza*, *alegria*, *noite* e *dia* – a noite é a noite da alma, tão querida aos poetas místicos, e o dia referir-se-á à luz interior que pulveriza a poesia mística – estes substantivos surgem organizados, geralmente em pares antitéticos e expressam as consequências do Amor na alma do poeta.

Como sabemos, há autores muito sensíveis ao emprego do adjectivo, usando-o com elevada frequência para sobrecharacterizar o mundo reconstruído. Em Agostinho da

Cruz, a adjectivação é rigorosa, adequada e exacta para caracterizar o amor divino, transfigurando, deste modo, “a lo divino” temas e processos da poesia profana. Os adjectivos em cacho são excepção no verso do Capuchinho, pois ele prefere a adjectivação solitária, reservando aquela para a caracterização ou definição do amor divino. Quando deseja exprimir o inefável, socorre-se de séries quase ininterruptas de adjectivos.

Concluindo este nosso raciocínio sobre as marcas místicas na produção poética de Frei Agostinho, só nos resta uma resposta positiva à questão por nós colocada inicialmente, ou seja, no nosso entender, ele trilhou a estrada da mística.

## **CAPÍTULO III**

### **1. - MARCAS CRISTOLÓGICAS E TRINITÁRIAS NA POESIA DE FREI AGOSTINHO DA CRUZ**

“Sabemos muito bem que o nosso homem velho foi crucificado com Cristo para que o corpo de pecado fosse destruído ...Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus, em Jesus Cristo.”

Rm 6, 6.11

Desde o começo da nossa história literária que muitos dos nossos autores se pautaram por enaltecer a figura de Jesus Cristo, ao pontuarem as suas produções com marcas cristológicas que as tornam mais nobres.

A obra do Frade poeta está toda impregnada da Presença da Humanidade de Jesus Cristo, não apenas em especulação teológica, mas em algo mais, em vida viva e transmitida, sob cujo prisma tudo se colora. São igualmente notórias as marcas trinitárias que pontuam muitos dos seus poemas.

Da poesia de Frei Agostinho da Cruz, emerge um Amor intenso, doloroso, um Amor que se compadece e deseja unir-se, e deseja participar,

porque era impossível que Cristo tivesse morrido no Calvário e não doesse, no coração daqueles que contemplavam a Sua incomensurável Agonia:

“As carnes à coluna dura atadas,  
Açoutadas, pisadas e moídas,  
Nunca das minhas sejam desatadas.”<sup>156</sup>

Em Frei Agostinho, e apesar desta referência “às carnes...Açoutadas, pisadas e moídas”, no Cristo na Cruz, o que fica irreconhecível não é a Sua Humanidade, mas antes a Sua Divindade, porque a Cruz é para o poeta arrábido o cume da Encarnação, o *locus* onde Cristo é desnudado, muito embora não Se desnude da carne humana. E é por isso que Agostinho, ao dirigir-se ao Crucificado, não se dirige a uma figura sem aspecto de homem, mas a um Cristo onde, aparentemente, deixou de se reconhecer, não o aspecto humano, mas o aspecto divino: fogem-LHE a Luz, a Vida, a Imagem do Pai, como inferimos do soneto que se transcreve:

“Como estaes luz sem luz, vida sem vida,  
Sol sem curso, com sede fonte pura,  
Imagem do pai eterno, sem figura  
Do mesmo pai, palavra emudecida!

---

<sup>156</sup> Cfr. S. Boaventura no *Solilóquium*: “Cristus in cruce te expectans habet caput inclinatum ad te deosculandam, habet brachia extensa at te amplexandam, manus apertas ad remunerandum, corpus extensum ad se totum impendendum, pedes affixos ad commanendum, latus apertum ad te in illum intromittendam.”

Vara santa de Arão, já não florida,  
Belo espelhado ceo, sem fermosura,  
Doce favo de Sansão, entre amargura,  
Torre de David forte, enfraquecida!

Mas sem vida dais vida, luz sem luz,  
Vossa sede farta ao mundo, e a imagem,  
Que tendes, me faz ver onde vos pus.

Calando ensinais, imóvel moveis  
Mais duros corações que a dura lagem,  
Morto, espelho mais belo pareceis.”<sup>157</sup>

### **1.1. – O Cristo Crucificado**

Num belo soneto, o arrábido, falando da Cruz, refere que todo o sofrimento do seu Senhor tem como objectivo o perdão da sua culpa, ou seja, o seu resgate:

“Na cruz entre ladrões crucificado  
Pera do nó da culpa desatar-me;  
Pera de vossa gloria coroar-me,  
Vos vejo estar de espinhos coroadado.

Meu Deos, n“essa columna estaes atado

---

<sup>157</sup> CRUZ, *Obras*.

Sofreis ser deshonrado por honrar-me;  
Por da terra convosco levantar-me,  
Estaes de duros cravos trespassado.

A cruel lança do divino peito  
Fez porta para a bemaventurança,  
Pera que o amor se dê por satisfeito.

Elle faça nesta alma tal mudança,  
Que sinta em si com amoroso effeito  
Columna, espinhos, cruz, cravos e lança.”<sup>158</sup>

Podemos mesmo afirmar que o que causa maior impressão em Agostinho quando contempla Cristo e Cristo Crucificado, os instrumentos da Paixão: a coluna, os espinhos, a cruz, os cravos e a lança, é o facto de eles serem a manifestação e a prova do Amor de Deus pelos homens, mistério de Redenção, e por isso, os seus poemas ora se tornam um acto de júbilo, ora um acto de contrição, ou ambos simultaneamente.

É assim que, num dos sonetos à cruz,<sup>159</sup> não nos é apresentada uma cruz ensanguentada, onde as carnes se rasgam, mas uma “suave cruz” onde está suspensa a Esperança e um Cristo “doce penhor do penitente”, onde “de piedade e de brandura” se dependura “a salvação do mundo”; uma cruz onde a tristeza se converte na grande alegria da nossa Redenção.

---

<sup>158</sup> *Ibidem.*

<sup>159</sup> *Ibidem*, soneto “Em ti suave Cruz, posto que dura”.

O mesmo podemos verificar quando se dirige às chagas. O que sensibiliza Agostinho não é o sangue que jorra delas, mas os “claros sinais de amor” que elas demonstram e a que são devidos “outra fé, outro amor, outro cuidado”:

“Divinas mãos, e pés, peito rasgado,  
Chagas em brandas carnes empemidas,  
Meu Deos, que por salvar almas perdidas,  
Por elas quereis ser crucificado:

Outra fé, outro amor, outro cuidado,  
Outras dores às vossas são devidas,  
Outros corações limpos, outras vidas,  
Outro querer no vosso transformado:

Em vós se encerrou toda a piedade,  
Ficou no mundo só toda a crueza;  
Por isso cada um deu do que tinha:

Claros sinais de amor, ah saudade!  
Minha consolação, minha firmeza,  
Chagas de meu Senhor, redenção minha.”<sup>160</sup>

Não se nos afigura forçado concluirmos que Frei Agostinho da Cruz manifesta, perante o Crucificado, uma forte sensibilidade ao amor de Deus na

---

<sup>160</sup> *Ibidem.*

Paixão de Cristo, do Seu amor pelos homens que, paradoxalmente, se revela através da Cruz. E é na Cruz que se cruzam dois abismos: o abismo de Deus e o abismo do homem. O nosso poeta não se detém na contemplação da crueldade e detalhes das feridas e dos sofrimentos de Jesus, antes se manifesta impressionado pelo Amor desmedido e inaudito que essas chagas e esses padecimentos manifestam. À contemplação deste Amor, liga-se, inexoravelmente, uma profunda e agudíssima consciência do pecado que se abre à já referida atitude de júbilo e de contrição.

Nos versos de Agostinho, o Crucificado não nos surge como” Aquele diante do qual se volta o rosto”, pelo contrário, na Cruz, Cristo assume a Sua condição humana, pois não é esta que se perde, mas antes se “esconde” o Seu rosto divino – é na Cruz que Jesus Cristo melhor se reveste da nossa humanidade finita. O poeta preocupa-se em apresentar a figura de Jesus Cristo durante a Paixão da maneira mais viva possível, como um homem sofredor e sujeito a dores, angústias e aflições. Para ele, Jesus Cristo foi o maior sofredor sujeito à maior dor, por vários motivos que são evidenciados nas suas rimas: Sua Mãe assiste ao Seu sofrimento, participando no mesmo, o que torna a dor de Cristo não uma dor partilhada, mas antes redobrada, pois sofre em si os sofrimentos de Sua Mãe. Um outro motivo importante é o facto de Cristo ver os pecados do mundo, passados, presentes e futuros pelos quais padecia, e ainda o pecado mor que os homens cometiam contra Deus matando-O injustamente. Tudo isto causava a Cristo uma dor maior que todos os tormentos do corpo.

Entendia Frei Agostinho que o seu Senhor suportava sofrimentos infinitos por Amor aos homens, porque a Sua divindade sustentava a humanidade, permitindo-Lhe sofrer muito para além da capacidade humana de sofrimento.

Mas o poeta arrábido vê em todo este sofrimento uma oferta de Cristo em favor dos homens, uma manifestação do Seu Amor sem limites.

O poeta manifesta uma intensidade amorosa que nenhum obstáculo assusta. Em muitos dos seus sonetos dedicados a Cristo, é notório o seu desejo de se unir amorosamente ao sofrimento do Senhor Jesus, para assim melhor cantar o Seu Amor para com a Humanidade. Frei Agostinho vislumbra na Cruz gloriosa do Senhor o penhor da sua salvação:<sup>161</sup>

“Convosco me levai à Cruz pesada,  
À coluna, à cadeia áspera e grossa,  
Aos espinhos, ao fel, não fique nada.”

“Se não posso pregar meu pensamento  
Na Cruz, em que, meu Deos, fostes pregado,  
Da columna, a que fostes atado,  
Não sinta desatar meu pensamento.

Que se dentro desta alma represento  
Pouco do que ellas tem representado,  
Sendo de qualquer dellas sustentado,  
Sinta que de ambas juntas me sustento.”

“Entraí, Senhor, nesta alma, que buscastes,  
E nella pera sempre recolhido

---

<sup>161</sup> Apresentamos de seguida alguns excertos de sonetos onde o poeta canta o seu amor a Jesus crucificado.

Os títulos tomai, que hoje ganhastes.”

“Assi como vos vejo nessa cruz  
Nú, despido, de todo assi me veja,  
E como vós estaes, meu Deos, esteja,  
Sem haver em mim mais, que o meo Jesus.

Que pois eu fui aquelle, que vos pus  
Despido nessa cruz, despido seja  
De quanto me desvia, turba e peja,  
Pera não contemplar a vossa luz.”

Mas, se a Presença de Cristo faz intensificar um amor que anseia pela identificação com a Pessoa amada, também deixa ver, mais profundamente negras, as marcas do Pecado:

“A mim que tantos erros tenho feito,  
A mim tão cego, duro, seco e frio,  
Os braços estendeis, abris o peito?”<sup>162</sup>

“Culpas de cada vez mais perigosas,  
Pois o mesmo uso mão que mas sustenta,  
Só pelas não deixar mas faz fermosas.

---

<sup>162</sup> CRUZ, Obras.

E posto que faltei quando convinha,  
Vossa misericórdia é tão imensa,  
Que não pode encurtá-la a falta minha.”<sup>163</sup>

E, daí, nasce uma intensa necessidade de purificar a alma, um imenso desejo de penitência de:

“Atiçar no madeiro, onde se ateia  
O fogo que desfaz, todo em pureza.”  
“Ora seja mais breve, ou mais comprida,  
A nenhum outro bem maior se estende,  
Que a ganhar com mortal immortal vida.”<sup>164</sup>

“ Toda a “Via Crucis” é analisada, descrita, sentida. E, todavia, essa expressão exterior é apenas o transbordar duma interioridade demasiado plena: o sentimento está para além da expressão. A “Via Crucis” é fonte de Esperança:

“No meu Deus em quem só me confiei,  
Porque por mim pregado foi na Cruz,  
Confiado só nele acabarei.”<sup>165</sup>

E é também estrada a seguir, na demanda da Vida Eterna:

“Não me negueis convosco ser levado,

---

<sup>163</sup> *Ibidem.*

<sup>164</sup> *Ibidem.*

<sup>165</sup> *Ibidem.*

Atado a vós, sequer de pensamento.”<sup>166</sup>

Se na ordem da contemplação interior o que caracteriza os temas cristocêntricos da poesia de Agostinho é a mesma nota de dor, na ordem da sua expressão ela é caracterizada por um impressionante realismo. É real o Cristo que sofre açoitado, ou pendendo da Cruz. Daqui provém uma preferência estilística por certas palavras, cujo emprego se justifica como terminologia da Paixão, e, depois, o carácter de objectividade imediata, que se manifesta na passagem da contemplação afectiva à deliberação de atingir a virtude que mais urge alcançar. São os próprios instrumentos da Paixão que movem a piedosos afectos o bom Frade Arrábido:

“Oh, Cruz, defesa nossa, nossa guia.”

Duro forro cruel, lança homicida.”

E ainda aquela ladainha a roxo e rubro, incansavelmente repetida: “lança, cravos, cruz, fel, açoites, coroa”, objectos em que se materializa a dor das Chagas contempladas:

“Divinas mãos e pés, peito rasgado,

Chagas em brandas carnes imprimidas.”

“Chagas do meu Senhor, redenção minha!”

“

---

<sup>166</sup> *Ibidem.*

A espiritualidade franciscana aparece, desde sempre, com carácter afectivo que se revela no predomínio dado a um contemplar sensível sobre a consideração intelectualizada, e no lugar de relevo dado à imitação de Cristo tomando a Humanidade do Filho de Deus como caminho para chegar à Divindade. Note-se que a piedade franciscana se detém sobretudo nos sofrimentos da Paixão Dolorosa.

## 1.2. –O sofrimento do Deus Uno e Trino

Em Agostinho da Cruz, encontramos a Pessoa de Jesus Crucificado:  
Deus Uno e Trino:

“Entre brutos nel invierno,  
Embuelto en viles paños,  
Mas Dios trino y uno eterno  
Nacio era por nuestros daños,  
Y oi se sangra tan tierno.  
Qien iãmas pues dudara  
Si el viene, morir de hecho  
Y que mas por nos hará  
Estando oi en tal estrecho,  
Y *segun la sangre está.*”<sup>167</sup>

---

<sup>167</sup> *Ibidem.* Não há uma certeza absoluta sobre a autoria deste texto, todavia, seguimos a Edição de Mendes dos Remédios que o atribui à pena de Frei Agostinho da Cruz.

É a segunda Pessoa da Santíssima Trindade que, em Agostinho, encontramos a ser fonte de amor e de lágrimas, mas, sobretudo, fonte de um desejo de conformidade. À Encarnação do Verbo, à Redenção e à Ascensão liga-se toda uma piedade vivida e ardente bem testemunhada nos textos do frade capuchinho:

“Estando o mundo todo em paz composto

Nascendo á meã noite, longa e fria,

Das mãos de sua Mãi, Virgem Maria,

No presépio pobre foi posto.

Mas Herodes temendo ser deposto

Do reino, por matar quem não podia,

Os meninos matou, quantos havia,

Ficando com seo reino descomposto.

E depois de fugido para o Egypto,

Tornou o Redemptor manifestado

A cumprir quanto dele estava escrito.

Enfim que morto foi ressuscitado

Á gloria, como d’antes tinha dito,

Da nossa salvação assinalado.”<sup>168</sup>

---

<sup>168</sup> *Ibidem.*

Para ele, a compaixão e a piedade para com Jesus que sofre são pólos de vida interior que demonstram uma devoção afectiva à Paixão Dolorosa, compadecendo-se das dores de Cristo e contemplando longamente as cinco Chagas, a cabeça ensanguentada, os ombros doloridos.

É desejo forte de Agostinho, esconder-se nas Chagas de Cristo, tendo a sua parte de opróbrios e de flagelação e esforçando-se por reviver o drama do Calvário – podemos mesmo dizer que incentiva a devoção aos Passos, tornada universal pela Igreja:

“Os passos, que de dores trespassado  
Cristo Jesus passou ajoelhado,  
Vamos por seu amor todos passando,  
Pois tanto o nosso e seo lhe tem custado.

Pelo rasto do sangue derramado  
O seo caminho iremos acertando,  
Pera o monte Calvário caminhando,  
Onde delle foi tudo consumado.”<sup>169</sup>

São temas recorrentes em Agostinho, as dores e Paixão do Senhor e os martírios pelos quais a redenção humana foi alcançada:

---

<sup>169</sup> *Ibidem.*

“Se queres, ó christão, gozar de gloria,

E fugir aos abismos do inferno,

A affligida paixão de Deos eterno

Trze sempre esculpida na memoria.

Nella tens de tormentos longa historia,

Um mar alto sem fim de amor interno,

Despreza o livro antigo e o moderno,

Que este lhes leva a palma e a victoria.

Verás o bom Jesus escarnecido,

Derramando do horto ao Calvário

Rios de sangue, dores de contino.

Ó finezas de amor extraordinário!

Que um Rei da terra e Ceo por povo indino

Não descanse, senão na cruz subido!”<sup>170</sup>

Fruto da sua intensa vida contemplativa, surgem-nos, nas poesias do autor, a dor dos pecados, a compaixão das dores de Cristo, o amor e o agradecimento bem como a imitação das Suas virtudes.

É notório o desejo de Frei Agostinho em louvar com as suas rimas a Santíssima Trindade, enaltecendo a sua gloria suprema e dedicando-lhe um

---

<sup>170</sup> *Ibidem.*

Amor incomensurável, tal como podemos inferir do soneto que, a seguir, transcrevemos:

“Ó vós, que andais de achar cá desejosos  
Modos de honrar sem fim mais a Trindade,  
O melhor se vos dá aqui com brevidade,  
Nestes motivos santos amorosos.

Nelles tendes louvores copiosos  
Se summo gráo, e grande dignidade  
De quem trata e recebe a magestade,  
Que temem olhar no ceo os gloriosos.

O alto sacrifício d’honras dino,  
A nós tão proveitoso, a Deos acceito,  
Com que é toda a Trindade engrandecida.

Sagrada Hóstia, Viático divino,  
Que offerecida ao Padre em effeito,  
Lhe dou gloria infinita e sem medida.”<sup>171</sup>

Todo o louvor trinitário, cantado por Frei Agostinho da Cruz, nos revela o Amor e a gratidão que ele nutre pela Trindade, pois é a Deus, Uno e Trino, que

---

<sup>171</sup> *Ibidem.*

ele canta nos seus poemas, tal como nos mostra este soneto de agradecimento e de bênção da mesa:

“De lá do vosso eterno firmamento,  
Omnipotente Deos, uno e trino,  
Lança a bênção e favor divino  
A nós, a esta mesa, ao mantimento.

Tudo de vossa mão nos seja bento,  
A nossos corpos útil e benino;  
Não permittaes que seja algum indino,  
De lhe dardes cada dia este alimento.

Se destes de comer em campos ermos  
A muitas gentes mil com pão,  
E sobejou mais d’outro tanto;

Virtude dai a quanto aqui comeremos  
Por nossa corporal sustentação,  
E aqui nos dê sua graça o Spirito Santo.”<sup>172</sup>

É Deus Filho que nas rimas de Agostinho representa o sofrimento de toda a Trindade Santa. Um duplo sofrimento de Jesus Cristo, Deus Filho:

---

<sup>172</sup> *Ibidem.*

segundo a natureza humana e segundo a natureza divina. Foi o sofrimento do próprio Deus e não só de uma só Pessoa da Trindade, porque, se uma das três Pessoas sofre, com Ela sofrem as três Pessoas da Santíssima Trindade. A Paixão e Morte na Cruz de Jesus Cristo cimentam-se no coração do próprio Deus e, por isso, têm de explicar-se trinitariamente. A coroa de espinhos não é somente colocada na cabeça de Cristo, mas antes no interior da própria Trindade que sofre a mesma afronta de grande ingratidão preparada pelo Homem. São as três Pessoas que são rejeitadas no Filho Deus:

“A que vindes, Senhor, do Ceo á terra,  
Terra, que sendo vossa, vos engeita,  
E que tanto vos honra e respeita,  
Que em vos não receber insiste, emperra?

Ah! Quanta ingratidão nella s’encerra!  
Quam mal da vinda vossa se aproveita!  
Pois se põe a tomar-vos conta estreita,  
Mais brava contra vós, quanto mais erra.

E vós de vosso amor puro forçado  
As malditas espinhas lhe pisaes,  
Das quaes ainda sendo coroadado,

A maldição antiga lhe tocaes  
Na bênção, que lhe daes crucificado,

Quando morto d'amor, d'amor mataes.”<sup>173</sup>

Todavia, o que o sofrimento significa pela parte criatural, o Pai e o Espírito não o conhecem a partir do seu ser celestial, senão graças à Encarnação do Filho e na sua união essencial com Ele. Dessa Encarnação fala Frei Agostinho no soneto que vamos transcrever:

“Do Ceo á terra Deos omnipotente  
Vestir-se vem da nossa humanidade,  
E dando-nos a sua divindade,  
Em nós fica, e nós nelle eternamente!

Sarando a mordedura da serpente  
Com fruto liberal da sua herdade,  
Porque não tem limites a bondade  
De quem tudo dispõe suavemente.

Com dizer e mandar, feito e mandado  
Foi tudo quanto quis meu Deos fazer,  
E fará quanto tem determinado.

Que se quis a si mesmo desfazer,  
E fazendo-se em nós Deos humanado,  
Nos deo divino ser por nosso ser.”<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> *Ibidem.*

<sup>174</sup> *Ibidem.*

Toda a Trindade com-padece, não por mera empatia, não por uma atitude interna de identificação, mas por “um fazer-se idênticos” real e verdadeiro. É esta a mensagem insuperavelmente profunda acerca da Paixão do Deus Filho. O tema da Paixão do Senhor é tratado por Frei Agostinho em inúmeros dos seus poemas, tendo um lugar central na sua meditação. À vivência desta ascese tão meditativa, talvez não seja estranha a grande influência de S. Pedro de Alcântara, não só no nosso poeta como em toda a espiritualidade do seu tempo: “Estas meditações, humas são dos mysterios da sagrada Paixão, e Ressurreição de Cristo [...] E quem não tiver tempo para recolher-se duas vezes no dia, ao menos poderá huma semana meditar huns mysterios, e n’outra outros, ou contentarse com os da Paixão, e Vida de Jesu Christo, que são os principaes.”<sup>175</sup> Alas, na Crónica da Província da Arrábida, encontramos referências à devoção que S. Pedro de Alcântara votava à Cruz de Cristo.

Ora, também em Frei Agostinho encontramos o mesmo fervor a esta devoção; os tormentos da Sagrada Paixão era como que um contínuo despertador das suas meditações e, no mesmo exercício, gostaria de ver todos os Fiéis, desejando que o imitassem nesta devoção que tinha à Cruz do Redentor. Podemos mesmo referir que a sua contemplação assentava em dois pilares fundamentais: conhecer-se a si próprio e meditar sobre a grandeza e as obras de Deus, sobretudo meditar nos mistérios da Redenção e da Encarnação.

Com efeito, este assunto é recorrente nas suas rimas, tal como no Epigrama que, a seguir, apresentamos:

---

<sup>175</sup> PEDRO DE ALCÂNTARA, Santo, *Trtado da oração, e meditação*.

“A quem desceo do Ceo, por nos dar vida,  
Pagamos com lhe dar a morte crua,  
Dada por nós, por elle padecida  
Por nós na Cruz, despida a carne nua,  
Que por salvação nossa foi vestida,  
Por tudo padecer á custa sua:  
Enfim, que nosso Deos o fez de sorte,  
Que nos deu sua vida e sua morte.”<sup>176</sup>

Julgamos oportuno fazer uma especial referência às obras de outros dois frades da mesma província. Trata-se de Frei Rodrigo de Deus e Frei Afonso de Medina que também nos dão conta da devoção à Humanidade de Cristo e da meditação da Sua Paixão.

Na Paixão de Cristo está também presente o sofrimento da Trindade e a promessa de que a Criação acederá a um futuro comum com o Deus Uno e Trino, tal como se iniciou já na Ressurreição de Jesus Cristo. Agostinho sente, e canta nas suas letras, a certeza de estar salvaguardado no Amor divino; tem a Esperança de uma Redenção pessoal e universal, como podemos constatar nos versos que se seguem:

“Quem me póde apartar de vosso amor,  
Imprimido por vós neste meo peito,  
Que além de ser por vós, meu Senhor, feito,

---

<sup>176</sup> CRUZ, *Obras*.

Feito quisestes ser meo Redemptor?

Em que tribulação, tormento, ou dôr,  
Em que passo de morte tão estreito,  
Me posso ver em cinza e pó desfeito,  
Que cada vêz amor não seja mor.

Das penas, meo Senhor, que padecestes

Do berço até ser na cruz pregado,  
A dureza em brandura convertestes.

O ferro, com que fostes trespassado  
Frio, por nós depois doce fizestes,  
No sangue de amor vosso temperado.”<sup>177</sup>

E é nesta certeza que o poeta capuchinho encontra as forças necessárias para assumir e suportar as dores e as crises da sua existência em vez de tentar eliminá-las a qualquer preço. Frei Agostinho demonstra-nos que sabe, através da sabedoria da Fé e também pela experiência mística, que Deus, no Seu Amor desmedido e incondicional, faz-Se presente, como ponto essencial, no sofrimento de todo aquele que teme a Deus e n’Ele confia, abandonando-se sem restrições aos frutos desse Amor misericordioso:

---

<sup>177</sup> *Ibidem.*

“Se desejo, meo Deos, de vos amar,  
E sei que desejais de sêr amado,  
Como tendes amor tão limitado,  
Que no desejo meo possa parar?

Que posso fazer mais que desejar,  
Nem tanto, se de vós me não fôr dado?

E pois de mim não basta o desejado,  
O que vós desejais, me haveis de dar.

E se de lib’ralidade e brandura  
Quereis mostrar d’amor maior effeito  
Sem mal, nem bem da vossa creatura,

Creai coração limpo no meo peito,  
Abrazado na vossa fermosura  
Onde todo de amor seja desfeito.”<sup>178</sup>

Sendo este sofrimento um tema central da Fé cristã graças à Paixão do Verbo Encarnado, Agostinho vai encontrar nele o sentido para as suas experiências vivenciais mais críticas, devido à participação no sofrimento que Ele suportou, uma vez que, comparando com as dores da Sua Paixão, qualquer

---

<sup>178</sup> *Ibidem.*

outro sofrimento ganha uma importância secundária. Em 1 Cor 1, 24, o Apóstolo diz-nos que os cristãos vêem no Crucificado a força de Deus e a sabedoria de Deus. Afinal, que outro valor tem a Paixão do Deus Filho senão o de expressar a plena identificação da Trindade com o sofrimento da Humanidade? O saber do Uno e Trino amoroso sobre a Sua própria dor esteve sempre ligado à consciência dolorosa e amorosa do sofrimento humano. E Frei Agostinho sentia-o no seu íntimo, como no lo demonstram muitos dos seus poemas.

Como nos ensina S. Paulo em Cor 5,1, o nosso castigo caiu sobre Ele, as suas cicatrizes nos curaram. Deus Trino, por se ter identificado com os nossos sofrimentos, no Seu Filho martirizado, estabeleceu a Paz entre Ele e os que n'Ele crêem. O Cristo paciente é expressão da Reconciliação outorgada por Deus aos homens. É através da Redenção que Deus reconcilia consigo os homens e estes se reconciliam com Ele. E o nosso Capuchinho vivenciava a esperança nesta certeza:

“Em ti, suave Cruz, inda que dura  
Por ver sangue innocente derramado,  
Pregados pés, e mãos, aberto o Lado,  
Donde minha esperança se pendura;

Em ti de piedade, e de brandura  
Doce penhor do penitente errado,  
Em ti Christo Jesus dependurado  
A salvação do mundo dependura;

Em ti se consumou toda crueza,  
Que em corações humanos se accendia  
Contra todas as leis da natureza.

Mas em si se tornou, em alegria  
Da nossa redempção, toda a tristeza;  
Oh Cruz defesa nossa, nossa guia.”<sup>179</sup>

Poderemos perguntar por que precisamente o Homem- Deus representa tal mistério! Agostinho, em muitos dos seus poemas, dá-nos a entender que isto tem a ver sem dúvida com o que cada ser humano, neste mundo passageiro e marcado pelo sofrimento, procura, consciente ou inconscientemente, na figura redentora de Jesus Cristo que consegue levar Deus eterno a um compromisso pleno de sentido, visível e salvífico, com o sofrimento próprio e universal: Agostinho canta sublimemente a salvação do mundo, resgatado pela Cruz vitoriosa:

“Oh Cruz, que no Calvário sustentaste  
Os membros de que foste sustentada,  
Quando, pisados elles, tu pesada  
Antes de lá chegar desconjuntaste.

Como sendo instrumento que vmataste  
Por mãos de gente cega, gente errada,

---

<sup>179</sup> *Ibidem.*

Não somente ficaste desculpada,  
Mas ainda da culpa triunfaste.

Se tu representaras tão somente  
A salvação do mundo resgatada  
Sem sangue do Cordeiro paciente;

Vira-me, com te ver, mais consulado,  
Porque parara em ver meu bem presente,  
Sem ver nelle meu mal representado.”<sup>180</sup>

Frei Agostinho deixa entender nas suas rimas que a sabedoria divina da Cruz se mostra na força libertadora que emana dela, força que revela o dom definitivo de Deus Trino, que é a vida eterna em comunhão com o Crucificado Ressuscitado. Daí que a Cruz de Jesus só ganhe um sentido pleno na perspectiva da Sua Ressurreição. O frade arrábico sente e expressa que a Morte de Jesus não é senão o sacrifício pessoal do Homem-Deus, a entrega amorosa desta mesma pessoa humano-divina. Ele, que canta e acredita no Crucificado, entrega-se a si mesmo, renascendo sempre mediante este conhecimento vivo da Fé. A sua opção por uma comunhão com Cristo oferece-lhe uma nova identidade, uma eternidade, uma liberdade que o liberta dos males do mundo que o rodeia e o leva a cantar Deus, mostrando-se sempre agradecido a Jesus Cristo:

---

<sup>180</sup> *Ibidem.*

“Eterno sacerdote, que hoje alçado  
Na grande ara da Cruz, onde morrestes,  
A Deos em sacrifício offerecestes  
A vós mesmo, em amor todo abraçado.

Supremo Rei, não d’ouro coroado,  
Mas de cruéis espinhos, que escolheste,  
Que por senhor dos reinos, que venceste,  
No throno dessa cruz estaes jurado.

Gerreiro capitão, que assi ferido  
Com a lança, que ao ombro alevantastes,  
A morte, que morreis, tendes vencido.

Entrai, Senhor, nesta alma, que buscastes,  
E nella pera sempre recolhido  
Os títulos tomai, que hoje ganhastes.”<sup>181</sup>

Frei Agostinho da Cruz soube, como ninguém, louvar, cantando, a Trindade Santíssima na Sua Segunda Pessoa. Em Cristo Jesus, soube ver o Amor infinito do Deus em Quem acreditava e, pela Sua Cruz gloriosa, sentiu-se resgatado.

---

<sup>181</sup> *Ibidem.*

## CONCLUSÃO

No desenvolvimento deste nosso trabalho, fomos nos apercebendo das várias vivências que preencheram a vida de Frei Agostinho da Cruz. Somente com vinte anos de idade, em dia de Santa Cruz, ingressou numa das ordens religiosas mais austeras e mais rigorosas da época de Quinhentos. Tendo embora uma vida desafogada e promissora na casa dos Duques de Aveiro, Agostinho Pimenta, um dos onze irmãos de Diogo Bernardes, abandona o mundo e assume o apelido religioso de Cruz.

Na sua imensa e rica obra de cariz religioso – toda a sua produção poética dos seus tempos de mocidade foi por ele destruída, por a considerar indigna – são focados inúmeros assuntos e figuras: Canta Jesus Cristo, na Sua humanidade e na Sua divindade, a Virgem Maria, a Serra da Arrábida, Maria Madalena, S. Francisco, S. João Baptista e muitos outros Santos, o seu irmão Diogo Bernardes, a Duquesa de Aveiro e sua filha e diversas situações da sua vida quotidiana, entre outros que aqui não assinalamos.

Entre todos os temas e figuras cantados nos seus poemas, Frei Agostinho da Cruz dá um especial enfoque à figura de Jesus Cristo, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Em muitos dos seus sonetos, deixou-nos verdadeiros hinos a temas relacionados com Deus Filho, tais como: a Encarnação do Verbo de Deus, o Nascimento do Deus-Menino, a Paixão e Crucifixão de Jesus Cristo, a Sua Ressurreição e a Sua Ascensão. Ao cantar a Crucifixão, dá um especial relevo à Cruz gloriosa de Jesus, à coroa de espinhos, à lança, ao lado aberto, à Redenção e ao Amor divino ilimitado que Cristo sente pelo homem. São vários os poemas em que a Cruz vitoriosa, a mais cantada, é enaltecida como a via da Salvação do homem que, graças ao Sacrifício

de Jesus Cristo, foi alcançada. Penhor da salvação, Agostinho vê na Cruz o culminar do sentido de toda uma vida vivida em favor do homem. N'ela Um morreu por todos e todos morreram para o pecado, por isto mesmo, o poeta como que “desvaloriza” o sangue derramado e os aspectos mais cruentos do sofrimento de Jesus na Cruz, optando, quase sempre, por realçar mais a Redenção que veio por esse mesmo sofrimento.

No percurso que Frei Agostinho faz ao longo da sua vida, vai experienciando dois movimentos que ora se cruzam, ora se complementam, surgindo em paralelo: conhecendo-se a si próprio, tenta conhecer a Deus e, conhecendo a Deus, ensaia o conhecimento de si próprio. Neste balançar entre os dois ritmos, fala do seu Deus e ao seu Deus, num discurso monologante que visa um diálogo profundo entre o homem finito e a Divindade que acolhe a finitude da Sua criatura humana. Neste itinerário espiritual, medita e contempla todos os Mistérios de Deus Uno e Trino.

Plenamente consciente da sua incapacidade e da sua limitação para abarcar e compreender os Mistérios salvíficos, Agostinho dá um relevo e uma atenção especial ao papel fundamental da Paixão. Com efeito, a meditação da Paixão de Jesus Cristo assume uma função proeminente no itinerário espiritual do frade arrábido; é perante a Cruz que o sujeito poético se capacita da enormidade do seu pecado, reconhecendo a sua incapacidade para atingir a grandeza do perdão amoroso e misericordioso de Deus, muito embora o aceite e saiba que só nele está a sua salvação e não nos seus méritos pessoais. Assim, encontramos Frei Agostinho da Cruz vivenciando todos os passos da Paixão.

Na meditação da Paixão, surge-nos um sujeito que abraça a Cruz, como fonte de Salvação, que canta, inebriado por um incomensurável amor, a lança, os cravos, a coroa de espinhos e o lado aberto de Cristo, donde brotou água e sangue, numa prefiguração do Baptismo e da Sagrada Eucaristia. No seu íntimo, o poeta sabe que o que canta tem-

no como personagem interveniente na sua causa, isto é, ele sabe que Cristo foi entregue sofreu o Seu Sacrifício pelos seus muitos pecados, por isso mesmo ele assume que foi ele próprio que O colocou na Cruz:

“”Eu fui, eu sou, Senhor, o que vos pus

Nesse duro madeiro pendurado,

Donde morreis por mim, doce Jesus.

Por falta de não ter considerado,

Ou por falta de amor que se vos deve,

Não choro como devo meu pecado.”<sup>182</sup>

Através de um discurso hiperbólico, paradoxal e antitético, o poeta ensaia um canto constante ao Amor de Deus e à Cruz Gloriosa que redimiu toda a humanidade, oferecendo-nos uma poesia ao divino, difusamente impregnada de elementos ascético-místicos e orientada do ponto de vista temático para uma contemplação ou meditação cristocêntricas. Todos estes factos estilísticos constituem caracteres distintivos e imprescindíveis dos poemas de Agostinho. É de um Amor indizível que aqui se trata, daí a incapacidade do poeta e a sua incessante retoma temática. Num vaivém literário, o autor oferece ao leitor verdadeiros hinos à Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

O poeta arrábido canta a Santíssima Trindade que com-padece com a Sua Segunda Pessoa toda a Paixão. Na entrega à morte infame de Jesus Cristo é toda a Trindade que é envolvida.

---

<sup>182</sup> *Ibidem.*

Na sua obra, Frei Agostinho da Cruz recomenda que cada um ponha diante de si a Cruz de Cristo, pois n'ela está a vida, o refúgio contra os inimigos, a doçura da graça, a força da alma, a alegria do espírito, a perfeição das virtudes, em suma, o cume da santidade. Tudo consiste em amar a Cruz e morrer nela. Para Agostinho, não há outro caminho para a vida e para a verdadeira paz interior senão o da Cruz e o da mortificação contínua. Para ele, o mais importante é o homem interior e espiritual de que tanto fala, porque mais importante deve ser o interior do que o que aos olhos aparece. E, no seguimento deste seu pensamento, o poeta arrábido defende uma conversão a Deus de todo o coração e uma aprendizagem do desprezo pelas coisas exteriores, valorizando cada vez mais as interiores. O que importa ao homem é colocar-se nas Mãos do seu Redentor, pois, deste modo, alcançarão os homens todos os proveitos de serem membros de Jesus Cristo.

Ao longo do desenvolvimento desta nossa dissertação, foi grande o nosso prazer e consequente fruição temático-estilística, tendo-nos dado imenso júbilo realizar toda a investigação a que o tratamento do tema aglutinador nos ia conduzindo.

É nosso profundo desejo que os que venham a tomar contacto com as nossas simples e humildes linhas possam inferir um pouco do gozo literário que em nós elas fizeram acontecer e, desta forma, usufruam da sua produção.

## **BIBLIOGRAFIA:**

### **FONTES PRIMÁRIAS:**

-CRUZ, Frei Agostinho da, Apêndice I, Poesias inéditas de Frei Agostinho da Cruz, ms BNL FG 7691, in SILVA, *Maneirismo*.

- *Obras de Frei Agostinho da Cruz*, com prefácio e notas de Mendes dos Remédios, Coimbra, 1918.

- *Sonetos e Elegias*, Estudo, estabelecimento crítico do texto e notas de António Gil Rafael, Hiena, Lisboa, 1994.

### **FONTES SECUNDÁRIAS:**

-BERNARDES, Diogo, *O Lima: églocas*, Empresa Diário de Notícias, Lisboa, 1923.

- *Obras completas: Rimas várias; Flores do lima*, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1945.

-BOAVENTURA, Santo, *Vitis mystica*, in *Obras*, BAC, Madrid, 1968.

-ESTATUTOS da Província de Santa Maria da Arrábida, Officina de Miguel Deslandes, Lisboa, 1698.

-FRANCISCO DE ASSIS, Santo, *Fontes franciscanas: escritos-biografias-documentos*, Editorial Franciscana, Braga, 1982.

-GRANADA, Luís de, *Libro de la oración y meditación*, Administración del Apostolado de la Prensa, Madrid, 1907.

-KEMPIS, Thomas de, *Imitação de Cristo*, Verbo, Lisboa, (s.d.).

-PEDRO DE ALCÂNTARA, Santo, *Tratado de oração, e meditação*, Real Officina da Universidade, Coimbra, 1760.

-QUADROS, José Caetano de Mesquita e, *Vida do venerável padre Fr. Agostinho da Cruz*, Regia Officina Tipográfica, Lisboa, 1793.

## ESTUDOS:

ARANTES, Hemetério, *Frei Agostinho da Cruz: Notas à margem d'uma História Quinhentista*, Guimarães & C.a, Lisboa, 1909.

-BELCHIOR, Maria de Lourdes, Cruz, FR. Agostinho da, in *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira*, Dir. Jacinto do Prado Coelho, Figueirinha, Porto, (s.d.).

- POESIA E MÍSTICA: FREI AGOSTINHO DA CRUZ, in *OS HOMENS E OS LIVROS Séculos XVI e XVII*, Editorial Verbo, Lisboa, 1971.

-BRAGA, Teófilo, *História da literatura portuguesa*, INCM, 1984.

-Poesia mystica portuguesa, *Revista contemporânea de Portugal e Brazil*, Lisboa, 1864.

-CARDOSO, Jorge, *Agiologio Lusitano*, Officina de Henrique Valente de Oliveira, Lisboa, 1657.

-CASTRO, Aníbal Pinto de, Agostinho da Cruz, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Dir. A. A. Banha de Andrade, Resistência, Lisboa, 1980.

- CIDADE, H., *O Conceito de Poesia como Expressão da Cultura*, Coimbra, 1957.
- COHEN, Jean, *Estrutura da linguagem poética*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, (s.d.).
- COSTA, Dalila Pereira da, *Místicos portugueses do século XVI*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1986.
- DIAS, José Sebastião da Silva, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal* (séculos XV a XVIII), tomo I, Coimbra, 1961.
- FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *A vida e conversão de Frei Agostinho: entre a aprendizagem e o ensino da Cruz*, Col. ÉPHETA, nº6, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1999.
- FERREIRA, Maria Eugénia Pedro de Jesus, *O Sentimento Religioso em Frei Agostinho da Cruz*, dissertação dactilografada, apresentada para licenciatura em Filologia Românica, na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1957.
- GRAEF, Hilda, *Histoire de la mystique*, Éditions du Seuil, Paris, 1972.
- HUERGA, A., Devotio Moderna, in *Diccionario de espiritualidad*, Dir. Ermano Ancilli, Herder, Barcelona, 1983.

-LIMA, Augusto C. Pires de, Prefácio in Cruz, Agostinho da, *Poesias selectas de Frei Agostinho da Cruz*, Editorial Domingos Barreira, Porto, (s.d.).

-*Frei Agostinho da Cruz, mudança de vida*, Imprensa Moderna, Porto, 1940.

-LOPES, F. Félix, *Influência de S. Pedro de Alcântara na espiritualidade portuguesa do seu tempo*, FLUC-IEHDAV, Coimbra, 1964.

-NEMÉSIO, Vitorino, O capuchinho da Arrábida, in *Ondas Médias, biografia e literatura*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1945.

-PASCOAES, Teixeira de, *Os poetas lusíadas*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1987.

-PICARD, Michel-Jean, Croix (chemin de), in *DSp*, Beauchesne, Paris, 1937.

-PIEDADE, Frei António da, *Espelho de penitentes e chronica da província de Santa Maria da Arrábida*, Officina de Joseph António da Silva, Lisboa, 1728.

-RAYEZ, André, Humanité du Christ (dévotion et contemplation) : age d'or de la dévotion médiévale (14<sup>e</sup>-15<sup>e</sup> siècles), in *DSp*, Beauchesne, Paris, 1969.

-RICARD, Robert, El tema de Jesus Crucificado en la obra de algunos escritores españoles de los siglos XVI y XVII, in *Estúdios de la literatura religiosa española*, Editorial Gredos, 1964.

-L'influence dès "Mystiques du Nord" sur les spirituels du XVIe et du XVIIe siècles, in *Études sur l'histoire morale et religieuse du Portugal*, FCG-CCP, Paris, 1970.

-ROCHA, Ilídio, *Catálogo da livraria do convento da Arrábida e do acervo que lhe estava anexo*, Fundação Oriente, (s.l.), 1994.

-RODRIGUES, Maria Idalina Resina, Jorge da Silva, in *Antologia de espirituais portugueses*, INCM, 1994.

-SALVADO, António, Itinerário ascético de Frei Agostinho da Cruz, *Atlântida*, Angra do Heroísmo, 1961.

-SARAIVA, António José; LOPES, Óscar, *História da literatura portuguesa*, Porto Editora, Porto, (s.d.).

-SILVA, Inocêncio Francisco da, Agostinho da Cruz, in *Diccionario bibliographico portuguez*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1858.

-SILVA, Vítor Manuel Pires Aguiar e, *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*, Centro de Estudos Românicos, Coimbra, 1971.

-SIMÕES, João Gaspar, *História da poesia portuguesa, das origens aos nossos dias, acompanhada de uma antologia*, Empresa Nacional, (s.l.), 1955.

-SOUSA, António Caetano de, *Historia genealógica da casa real portugueza*, Officina de Joseph António da Sylva, Lisboa, 1737.

- SOUSA, Maria Luísa Tavares e, *Influência Bíblica na Poesia Clássica do Século XVI*, dissertação dactilografada, apresentada para licenciatura em Filologia Românica, na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1951.

-TAVARES, António, O IV centenário natalício do franciscano Frei Agostinho da Cruz: o lírico inspirado pela Musa Arrábida, *O Setubalense*, 8 Mar. 1940.

-VASCONCELOS, Carolina de Michaëlis de, A questão da naturalidade de Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz, in *Vária*, Edições da Revista Ocidente, Lisboa.

-VIANA, Mário Gonçalves, *Os religiosos e os místicos na literatura portuguesa: ensaio histórico-crítico*, Editora Educação Nacional, Porto, 1940.

## ÍNDICE:

- Introdução	3
- Capítulo I	8
1. – Frei Agostinho da Cruz: A Vida Como Itinerário de Conversão	8
1.1. Contextualização	9
1.1.1 - As Origens e a Juventude de Agostinho Pimenta	9
1.1.2.-De Agostinho Pimenta a Frei Agostinho da Cruz	13
1.1.3. - A Caminhada da Conversão	26
1.1.4.-Da Serra da Arrábida e da Vida Eremítica de Frei Agostinho da Cruz	56
Capítulo II	69
1. – O Saber e o Sabor da Produção poética de Frei Agostinho da Cruz	69
1.1. – Notas marcantes na arte poética de Frei Agostinho da Cruz	71
1.2. –Frei Agostinho da Cruz, Poeta Místico?	78
Capítulo III	89
1. – Marcas Cristológicas e Trinitárias na Poesia de Frei Agostinho da Cruz	89
1.1. – O Cristo Crucificado	91
1.2. – O Sofrimento do Deus Uno e Trino	99
Conclusão	115
Bibliografia	119